

Filo-Lisboa 2020

ABSTRACTS

**CRISE PANDÉMICA
QUEM SOU EU
NESTE NOVO MUNDO?**

**CRISE PANDEMIQUE
QUI SUIS-JE DANS
CE NOUVEAU MONDE?**

**PANDEMISCHE KRISE
WER BIN ICH IN
DIESER NEUEN WELT?**

Soraya Nour Sckell (Ed.)



FILO-LISBOA 2020

ABSTRACTS

Crise Pandémica: Quem sou eu neste novo mundo?

Crise Pandémique : Qui suis-je dans ce nouveau monde ?

Pandemische Krise: Wer bin ich in dieser neuen Welt?

COORDENAÇÃO
SORAYA NOUR SCKELL

1ª edição 2020

Assistência
Tamara Caraus

Imagem da capa
João Motta Guedes, *Invisible*

Design da capa
Amanda Argollo

Design e paginação
Daniel Brito

Direção Artística
Rita M. Guedes

Tradução
Dirk Michael Henrich, Fernando Silva, Helena Jesus, Luís Felício

Sckell, Soraya Nour (coord.).

Crise Pandémica: Quem sou eu neste novo mundo? / Crise Pandémique: Qui suis-je dans ce nouveau monde? / Pandemische Krise: Wer bin ich in dieser neuen Welt? : FILO-LISBOA 2020 Abstracts / Soraya Nour Sckell (coord.). – Lisboa : CEDIS, 2020.

198 p.

Suporte Digital.

Vários autores.

ISBN 978-989-8985-14-9

1. Pandemia – Filosofia. 2. Pandemia – Ciências Sociais. 3. Coronavírus (COVID-19) – Filosofia. 4. Coronavírus (COVID-19) – Ciências Sociais. 5. Filosofia Social e Política Contemporânea. 6. Saúde Pública – Ciências Sociais. I. Título. II. Subtítulo.

CDU 17

30

Todos os direitos desta edição reservados ao
CEDIS - Centro de I & D sobre Direito e Sociedade
NOVA School of Law
Campus de Campolide, 1099-032 Lisboa, Portugal
Tel. (+351)213847466
cedis@fd.unl.pt <http://cedis.fd.unl.pt/>

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., Portugal, no âmbito do projeto PTDC/FER-FIL/30686/2017 *Cosmopolitismo: Justiça, Democracia e Cidadania sem Fronteiras* – CFUL (Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa) / CEDIS (Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade, NOVA School of Law).

Nota Prévia

Esta obra reúne os resumos dos diálogos filosóficos *Filo-Lisboa 2020. Crise Pandémica: quem sou neste novo mundo?*, que ocorreram nos dias 14 e 15 de novembro de 2020. Inspirado pela correspondência aberta entre Einstein e Freud, *Por quê a guerra?* (1932), o evento foi organizado pelo Goethe-Institut de Lisboa, pelo Institut Français du Portugal e pelo Teatro São Luiz, em cooperação com o projeto *Cosmopolitismo: Justiça, Democracia and Cidadania sem Fronteiras* (PTDC / FER-FIL 30686/2017, FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., Portugal) – CFUL (Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa) / CEDIS (Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade, NOVA School of Law), com o apoio do Fonds culturel franco-allemand/Deutsch-Französischer Kulturfonds, da Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa, da Embaixada da Alemanha em Portugal e da Antena 1. Sob curadoria científica de Soraya Nour Sckell.

Avant-Propos

Cet ouvrage rassemble les résumés des dialogues philosophiques *Fi-lo-Lisboa 2020. Crise pandémique : Qui suis-je dans ce nouveau monde ?*, qui ont eu lieu les 14 et 15 novembre 2020. Inspirés par la correspondance ouverte entre Einstein et Freud, *Pourquoi la guerre ?* (1932), l'événement a été organisé par le Goethe-Institut de Lisbonne, l'Institut Français du Portugal et le Théâtre São Luiz, en coopération avec le projet Cosmopolitisme : Justice, démocratie and citoyenneté sans frontières (PTDC / FER-FIL 30686/2017, FCT – Fondation pour la Science et la Technologie, IP, Portugal) – CFUL (Centre de Philosophie, Université de Lisbonne) / CEDIS (Centre de Recherche et Développement sur le Droit et la Société, NOVA School of Law), avec le soutien du Fonds culturel franco-allemand / Deutsch-Französischer Kulturfonds, de l'Association de Saint Barthélemy des Allemands à Lisbonne, de l'Ambassade d'Allemagne au Portugal, de l'Ambassade de la France au Portugal et de l'Antena 1. Curatrice scientifique : Soraya Nour Sckell.

Vorwort

Dieses Buch versammelt die Zusammenfassungen der philosophischen Dialoge *Filo-Lisboa 2020. Pandemische Krise: Wer bin ich in dieser neuen Welt?*, die am 14. und 15. November 2020 stattfanden. Inspiriert vom bekannten öffentlichen Briefwechsel *Warum Krieg?*, zwischen Albert Einstein und Sigmund Freud (1932), wurde die Veranstaltung vom Goethe-Institut Lissabon, vom Institut Français du Portugal und vom Teatro São Luiz in Zusammenarbeit mit dem Projekt *Cosmopolitanism: Justice, Democracy and Citizenship without Borders* (PTDC / FER-FIL 30686/2017, FCT – Foundation for Science and Technology, I.P., Portugal) – CFUL (Centre of Philosophy, University of Lisbon) / CEDIS (Law & Society Research Center, NOVA School of Law) organisiert und durch folgende Institutionen unterstützt: Fonds Culturel Franco-Allemand / Deutsch-Französischer Kulturfonds, Die Bartholomäus Bruderschaft der Deutschen in Lissabon, Deutsche Botschaft in Lissabon und Antena 1. Wissenschaftliche Kuratorin: Prof. Soraya Nour Sckell.

Sumário / Sommaire / Inhalt

Nota Prévia 7

Avant-Propos 8

Vorwort 9

RESUMOS

Crise pandémica: quem sou eu neste novo mundo?
Soraya Nour Sckell 19

DIÁLOGO 1

Um modo de vida à prova?
Rahel Jaeggi 27

Crise da nossa forma de *vida*, crise da nossa *forma* de vida. A
pandemia, o indivíduo e a espécie
Estelle Ferrarese 27

DIÁLOGO 2

A solidariedade na crise
Robin Celikates 33

“A solidariedade na crise”. Resposta a Robin Celikates
Hourya Bentouhami 34

DIÁLOGO 3

Entre o Estado e o Comum: o serviço público
Etienne Balibar 39

O serviço público enquanto lugar e prática das lutas sociais – um
olhar sobre a constelação da crise atual
Frieder Otto Wolf 40

DIÁLOGO 4

Dos efeitos da crise Corona sobre o comportamento e as emoções
Gunter Gebauer 45

A epidemia como produção acelerada de uma vida nova
Diogo Sardinha 46

DIÁLOGO 5

Aspetos de risco éticos e políticos na crise Corona
Julian Nida-Rümelin 51

“Aspectos de risco éticos e políticos na crise Corona”. Resposta a
Julian Nida-Rümelin
Serge Tisseron 51

DIÁLOGO 6

Rastreamento digital: a favor ou contra?
Alexei Grinbaum 57

“Rastreamento digital: a favor ou contra?”. Resposta a Alexei
Grinbaum
Armin Grunwald 57

DIÁLOGO 7

A cólera de Aquiles. Por que falar de “uma guerra contra o coro-
navírus” desfigura o cuidado?
Alice Casagrande 63

“A cólera de Aquiles”. Resposta a Alice Casagrande
Oliver Schlaudt 63

DIÁLOGO 8

Pandemia e Apocalipse
António de Castro Caeiro 69

“Pandemia e Apocalipse”. Resposta a António de Castro Caeiro
Cristina Viano 70

TRADUTORES 73

RÉSUMÉS

Crise Pandémique : qui suis-je dans ce nouveau monde ?
Soraya Nour Sckell 79

DIALOGUE 1

Une forme de vie mis à l'épreuve ?
Rahel Jaeggi 87

Crise de notre forme de *vie*, crise de notre *forme* de vie. La pandémie, l'individu et l'espèce
Estelle Ferrarese 87

DIALOGUE 2

« La solidarité dans la crise ». Réponse à Robin Celikates
Hourya Bentouhami 93

La solidarité dans la crise
Robin Celikates 94

DIALOGUE 3

Entre l'Etat et le Commun : le service public
Etienne Balibar 99

Le service public en tant que lieu et pratique des luttes sociales – un regard sur la constellation de crise actuelle
Frieder Otto Wolf 100

DIALOGUE 4

Sur les effets de la crise de Corona sur le comportement et les émotions
Gunter Gebauer 105

L'épidémie comme production accélérée de vie nouvelle
Diogo Sardinha 106

DIALOGUE 5

Aspets du risque éthique et politique dans la crise du Coronavirus
Julian Nida-Rümelin 111

« Aspets du risque éthique et politique dans la crise du Coronavi-

rus ». Réponse à Julian Nida-Rümelin
Serge Tisseron 111

DIALOGUE 6

Le traçage numérique : pour ou contre ?
Alexei Grinbaum 117

« Le traçage numérique : pour ou contre ? ». Réponse à Alexei
Grinbaum
Armin Grunwald 117

DIALOGUE 7

La colère d'Achille. Pourquoi parler de guerre contre le coronavi-
rus défigure le soin ?
Alice Casagrande 123

« La colère d'Achille ». Réponse à Alice Casagrande
Oliver Schlaudt 123

DIALOGUE 8

Pandémie et apocalypse
António de Castro Caeiro 129

« Pandémie et apocalypse ». Réponse à António de Castro Caeiro
Cristina Viano 130

TRADUCTEURS 133

ZUSAMMENFASSUNGEN

Pandemische Krise: wer bin ich in dieser neuen welt?
Soraya Nour Skell 139

DIALOG 1

Eine Lebensform auf dem Prüfstand?
Rahel Jaeggi 147

Krise in unserer *Lebensform*, Krise in unserer *Lebensform*. Die
Pandemie, das Individuum und die Spezies
Estelle Ferrarese 147

DIALOG 2

Solidarität in der Krise
Robin Celikates 153

„Solidarität in der Krise“. Antwort an Robin Celikates
Hourya Bentouhami 154

DIALOG 3

Zwischen dem Staat und dem Gemeinsamen: der öffentliche
Dienst
Etienne Balibar 159

Der öffentliche Dienst als Ort und Einsatz gesellschaftlicher
Kämpfe – ein Blick auf die gegenwärtige Krisenkonstellation
Frieder Otto Wolf 160

DIALOG 4

Über Wirkungen der Corona-Krise auf Verhalten und Emotionen
Gunter Gebauer 165

Die Epidemie als beschleunigte Produktion eines neuen Lebens
Diogo Sardinha 166

DIALOG 5

Risikoethische und politische Aspekte in der Corona-Krise
Julian Nida-Rümelin 173

„Risikoethische und politische Aspekte in der Corona-Krise“.

Antwort an Julian Nida-Rümelin
Serge Tisseron 173

DIALOG 6

Digitale Erfassung: dafür oder dagegen?
Alexei Grinbaum 179

„Digitale Erfassung: dafür oder dagegen?“. Antwort an Alexei
Grinbaum
Armin Grunwald 179

DIALOG 7

Der Zorn des Achilles. Warum das Gerede vom „Kampf gegen
das Coronavirus“ unser Bild von der Gesundheitsfürsorge ver-
zerrt?
Alice Casagrande 185

„Der Zorn des Achilles“. Antwort an Alice Casagrande
Oliver Schlaudt 185

DIALOG 8

Pandemie und Apokalypse
António de Castro Caeiro 191

„Pandemie und Apokalypse“. Antwort an António de Castro
Caeiro
Cristina Viano 192

ÜBERSETZER 195

RESUMOS

Crise pandémica: quem sou eu neste novo mundo?

Soraya Nour Sckell

A crise que conhecemos hoje é sintoma de uma grave patologia. A anamnese revela-nos que esta crise não veio apenas ontem de um mercado longínquo, mas tem causas ecológicas, sociais e políticas mais profundas. O diagnóstico: não estamos a ser atingidos, hoje, de forma igual. O prognóstico: se amanhã fizermos como fizemos ontem, novas pandemias ou outros riscos globais continuarão a surpreender-nos. O remédio é uma mudança radical do nosso modo de vida. Mas como?

Questões muito antigas são agora refeitas e as respostas não podem ser as mesmas de antes: quem sou eu e o que quero ser? Qual o meu lugar na minha comunidade, na minha cidade, em meu país, no mundo, no universo? Em que sociedade vivo e para onde esta caminha? Do quanto da minha liberdade posso abdicar, por respeito? Do quanto, daquilo de que usufruo, posso privar-me, por solidariedade? Quantos dos meus direitos podem ser restringidos, por segurança? Quem está protegido, “imunizado”, mas quem está vulnerável, invisível, abandonado? Que valores são promovidos e que valores são desprezados? O que é o bem-comum, a felicidade, o medo, a vida e a morte? Como vivo e como quero viver? São questões que convocam cada um de nós a refletir sobre como podemos assumir um papel decisivo na construção de um novo mundo, um mundo diferente do que era antes – para não voltar ao “normal”.

A pandemia, crise sanitária, emerge de uma constelação multidimensional de outras crises, todas interligadas entre si: crise ecológica, crise económica, crise do Estado Social e da saúde pública, crise laboral, crise social, crise de solidariedade, crise político-jurídica.

Crise ecológica

O vírus do Antropoceno? Para uns, um acontecimento biológico, como outras pandemias da história. Para outros, um evento do Antropoceno. A questão é, em que medida as pandemias podem ser favorecidas pela interferência da mão-humana no meio-ambiente (criação industrial de animais, destruição de ecossistemas e de espécies selvagens, fortalecimento das bactérias através do consumo de antibióticos para engorda e prevenção de infeções nos animais, mudanças climáticas que levam espécies tropicais transmissoras de patógenos a encontrarem um habitat favorável em regiões temperadas, etc.). A natureza que tentamos destruir resiste, “vinga-se”, “apresenta-nos a fatura”. Que outro modo de vida e de relação com a “Mãe Terra” é possível?

Crise económica

Bruno Latour lembra-nos como diziam ser impossível travar a produção e a circulação, mas o vírus paralisou fábricas e aviões. Enquanto uns pedem o retorno à produção, outros, como ele, pedem uma nova forma de produção, de consumo e de seleção aos que recebem subsídios e financiamentos. Como realizar esta transformação? Que papel deve ter a economia na sociedade? Como controlar a economia, democraticamente?

Crise do estado social e da saúde pública

“A mutação”. O desmantelamento do Estado Social e a reforma da Saúde Pública são, para muitos autores, a causa principal das dificuldades na resposta à pandemia. O Estado foi durante anos acusado de ser ineficiente frente a um mercado capaz de regular tudo. Mas o mercado emudeceu na pandemia. São muitos a pedir o retorno do Estado Social, enquanto outros pedem, para além da proteção pública dos bens e dos serviços essenciais – entre os quais a saúde – um modelo menos centralizado e a invenção de novas formas comunitárias e de proximidade para a proteção destes bens -

“o Comum” (Balibar) – bem como de um sistema universal de proteção da saúde. Que Estado queremos? Que modelo de proteção da saúde queremos neste Estado – ou para além dele?

Crise laboral

Desemprego, precariedade, pobreza. Alguns consideram que a pandemia, com o confinamento, trouxe o desemprego e a precariedade; outros analisam que o que houve foi, como diz Supiot, um “choque de realidade”. Nos países desenvolvidos, o Estado Social não foi capaz de responder à crise porque já estava fragilizado nos seus três pilares fundamentais: o Direito do Trabalho, a Segurança Social e os serviços públicos de bens essenciais (saúde, educação, energia, transportes etc.). Nos países em desenvolvimento, o aumento da pobreza extrema trouxe efeitos devastadores. Como construir um Direito do Trabalho e uma Segurança Social que “vacine” a população da pobreza mesmo em situações como a crise pandêmica?

Crise social

“Os imunizados”. Vulnerabilidade, Discriminação, Invisibilidade. O vírus invisível escolhe os invisíveis da sociedade. As vítimas da pandemia têm classe social, cor, idade, género, nacionalidade. Agentes produtivos são pacientes prioritários. Aqueles que já estavam abandonados deixam-se agora morrer. Na Europa foram os idosos, aqueles que já estavam doentes, os sem-abrigo, os refugiados. Além do aumento exponencial da violência doméstica, as mulheres foram afetadas no desemprego, no trabalho de linha de frente na saúde e no teletrabalho, acumulado com as tarefas domésticas da família confinada, de modo diferente dos homens. Nos países pobres e nas zonas de conflito, o vírus está a dizimar toda uma população carente sem possibilidade de isolamento e sem acesso a tratamento. Por toda a parte, ao tentar encontrar os “culpados”, a responsabilidade é transferida a uma alteridade ou àqueles que vêm “do estrangeiro”, trazendo consigo o vírus. Como reconstruir a união social de uma comunidade que seja verdadeiramente cos-

mopolita? O que é a humanidade?

Crise da solidariedade

A solidariedade tem uma dimensão social, política e jurídica. Na sua dimensão social, a solidariedade manifesta-se de modo espontâneo na entajuda quotidiana entre vizinhos, parentes e amigos, assim como entre os que são completamente desconhecidos. A solidariedade social também vai para além do gesto espontâneo, organizando-se em associações civis de todo o tipo, de dimensão local, nacional, europeia, transnacional e global. Na sua dimensão política, a solidariedade expressa-se em medidas de ajuda entre Estados (financeira, logística, hospitalar etc.). Na sua dimensão jurídica, funda a Segurança Social e surge o princípio da União Europeia. Se a solidariedade social deu belíssimos exemplos na pandemia e mostrou a capacidade de as pessoas se unirem e reagirem a todo tipo de dificuldade quando as instituições falharam, a solidariedade política e jurídica revelou a sua fragilidade. Enquanto alguns Estados são profundamente atingidos, noutros sobram recursos. Conhecimento, possibilidades de testes, medicamentos, tratamentos e vacinas – que deveriam ser bens públicos globais – passaram a ser disputados como qualquer outra “mercadoria”. O conflito entre alguns países agrava-se, aumentando tendências nacionalistas, populistas, xenóforas, entre outras formas de irracionalidade, e limitando as possibilidades de uma reação internacional organizada. Como reconstruir a solidariedade em todas as suas dimensões – social, política e jurídica, de extensão local, regional e global, de modo a que a comunidade internacional seja capaz de dar uma resposta concertada a ameaças globais como esta?

Crise político-jurídica

Estado de Emergência, Direitos Fundamentais, Proteção de Dados. Giorgio Agamben já há muito que observava a tendência do cenário de privação de liberdades e do estado de exceção como paradigma de governo. O tratamento de informações atinge agora um patamar ilimitado de possi-

bilidades – os nossos sinais vitais, as nossas expressões faciais, por onde andamos, o que consumimos, tudo pode ser controlado por uma “app” para a qual não há segredos. A soberania, no sentido clássico, exercia-se pelo controle das fronteiras e sobre um espaço territorial; nos nossos tempos exerce-se através do controle de *big data* e num espaço virtual que não conhece fronteiras. De que forma, a segurança pode prevalecer sobre a privacidade e os direitos fundamentais?

DIÁLOGO 1

RAHEL JAEGGI & ESTELLE FERRARESE

Um modo de vida à prova?

Rahel Jaeggi

A crise do Corona-vírus é a crise de um modo de vida (o nosso modo de vida marcadamente capitalista), ou pelo menos pode vir a sê-lo. Como habitualmente acontece com crises, estas podem vir directamente do exterior e ser desencadeadas por algo que escapa ao nosso poder de acção enquanto sociedade. Elas podem ser-nos inacessíveis, inesperadas e vir até nós de fora, como o surgimento de uma nova estirpe de vírus. Mas há que considerar se o surgimento acentuado de tais vírus tem algo a ver com a modificação de equilíbrios ecológicos. Também tais ocorrências naturais (naturais à primeira vista) podem transformar-se em crises de todo um modo de vida social, na medida em que tornam visíveis os problemas latentes deste último. Trata-se, pois, de crises de segunda ordem, de crises associadas a crises. E estas são endógenas, no sentido em que não apenas atingem a nossa ordem social, mas são produzidas por esta mesma ordem social. A questão sobre como vivemos, como as nossas estruturas sociais são concebidas, é aqui decisiva.

Crise da nossa forma de *vida*, crise da nossa *forma* de vida. A pandemia, o indivíduo e a espécie

Estelle Ferrarese

Os discursos políticos e médicos, bem como as medidas adotadas por decreto de estado de Emergência determinam a forma do mundo, e até a sua continuidade, pelo menos no que diz respeito ao mundo humano, à minha responsabilidade individual, segmentada. É a resistência individual, segmen-

tada e comum que funciona como resposta à pandemia. Essa responsabilidade, que é antes de mais o exercício de uma abstenção, ou até mesmo uma abstinência – eu restrinjo a minha respiração, os meus movimentos, os meus encontros com os outros – atua de tal forma que os comportamentos individuais são instituídos como elementos causais da epidemia. Porque aqui responsabilidade também e acima de tudo significa imputabilidade. Desta forma, a determinação do(s) verdadeiro(s) autor(es) da propagação da epidemia permite a acusação e/ou a liberação de alguns indivíduos por parte do Estado. Contra a centralidade conferida à responsabilidade, na crise atual, o regresso à antiga ideia de solidariedade constitui assim um caminho particularmente promissor.

BIOGRAFIAS

Rahel Jaeggi

Rahel Jaeggi é professora de filosofia prática com foco em filosofia social (desde 2009) e Diretora do Centro de Humanidades e Mudança Social (desde 2018) na Universidade Humboldt de Berlim. Seus principais interesses de investigação são filosofia social, filosofia política, ética, antropologia filosófica, ontologia social e teoria crítica. Estudou filosofia, história e teologia na Universidade Livre de Berlim (MA 1995) e na Universidade Goethe, Frankfurt am Main (doutoramento em 2002, Habilitação em 2009). Foi assistente de investigação (1996-2001) e posteriormente professora assistente universitária (2003-2009) na cátedra de Filosofia Social / Prof. Axel Honneth, Instituto de Filosofia, Universidade Goethe Frankfurt am Main, bem como assistente de investigação na Universidade de St. Gallen/Suíça (2001-2002). Foi professora visitante na Yale University, New Haven/EUA (2002-2003) e na Fudan University, Shanghai/PRC (setembro-outubro de 2012). Como professora Theodor Heuss, lecionou na New School for Social Research em Nova York no ano acadêmico 2015-2016. De 2018-2019, foi membro da Escola de Ciências Sociais do IAS em Princeton. As suas publicações incluem *Capitalism – A Conversation in Critical Theory* (com Nancy Fraser), Cambridge: Polity Press (2018); *Kritik von Lebensformen*, Berlin: Suhrkamp (2014); *Entfremdung – Zur Aktualität eines sozialphilosophischen Problems*, Berlin: Suhrkamp (2016); *Sozialphilosophie. Eine Einführung* (com R. Celikates), München: Beck (2017); *Welt und Person – Zum anthropologischen Hintergrund der Gesellschaftskritik Hannah Arendts*, Berlin: Lukas Verlag (1997).

Estelle Ferrarese

Estelle Ferrarese é professora de filosofia moral e política na Universidade de Picardie Júlio Verne (França). Foi professora visitante na New School for Social Research de Nova York, laureada da Fundação Alexander von Humboldt na Humboldt Universität e investigadora do Marc Bloch Center em Berlim. O seu trabalho concentra-se na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, filosofias feministas, formas de vida e vulnerabilidade. Autora de *Vulnerability and Critical Theory*, Leyden, Brill (Brill Research Perspectives in Critical Theory), 2018; *La fragilité du souci des autres. Adorno et le care*, Lyon, ENS éditions, 2018, 149 p. (Tradução em inglês: *Adorno and the Fragility of Caring for Others*, Edinburgh University Press, 2020); *Ethique et politique de l'espace public. Habermas et la discussion*, Paris, Vrin, 2015; *Niklas Luhmann, une introduction*, Paris, Pocket /La Découverte, 2007; (com Sandra Laugier) *Formes de vie*, Paris, éditions du CNRS, 2018; *Qu'est-ce que lutter pour la reconnaissance ?* Lormont, 2013; Special issue "How Capitalism Forms our Lives" , *Journal for Cultural Research*, Volume 22, issue 2, 2018, co-editado com Alyson Cole; Special issue "The Politics of Vulnerability" de *Critical Horizons*, vol. 17 (2), 2016; Número "Politique des formes de vie" de *Raisons Politiques*, 57, 2015, co-dirigido com Sandra Laugier; Número temático "Corps Vulnérables" des *Cahiers du genre*, 58, 2015, co-editado com Sandra Laugier.

DIÁLOGO 2

ROBIN CELIKATES & HOURYA BENTOUHAMI

A solidariedade na crise

Robin Celikates

A pandemia COVID-19 mostra cabalmente como a precaridade e a vulnerabilidade estão desigualmente repartidas nas nossas sociedades. O trabalho aclamado como “relevante para o sistema” é ainda e sempre radicalmente mal pago, extremamente precário e de índole predominantemente migrante. O efeito catastrófico do Corona-Vírus sobre grupos já de si marginalizados, perseguidos e oprimidos, como o são as comunidades migratórias, mostra-se de modo ainda mais contundente no caso de refugiados e deslocados, sobretudo nas fronteiras, sob uma forma intensificada pelas fronteiras. As fronteiras estruturam o modo como percebemos o mundo, quem e que vidas contam, quem e que histórias são dignas de menção. Pese embora – ou talvez justamente porque – elas são historicamente contingentes, não raras vezes muito recentes, parte de uma história sangrenta e essenciais para a preservação de privilégios colossais, as fronteiras são tornadas naturais; entendidas enquanto parte iniludível da realidade, elas desempenham um papel constitutivo para a identidade. Ao mesmo tempo, a fronteira é também e sempre um campo de lutas, um local de conflito, de contestação e negociação. No fundo, em tempos de pandemia, estas lutas confrontam-nos de modo mais pungente do que nunca com uma escolha: entre a barbárie do isolamento e o desenvolvimento de novas formas trans-nacionais de solidariedade. Mas como pensar a amplitude, a durabilidade e o poder de penetração desta solidariedade?

“A solidariedade na crise”. Resposta a Robin Celikates

Hourya Bentouhami

Na sua abordagem da questão da política de fronteiras para analisar a situação política atual na Europa ligada à pandemia, Robin Celikates destaca a impossível constituição da comunidade europeia, que reativa, sob outras modalidades, a sua forma-nação para se proteger de um perigo que esta remete para o exterior de si mesma, do seu estilo de vida, inclusive na sua forma mais simples e nua. Ora, o vírus parece ser as próprias destruições dos habitats dos estilos de vida, as desflorestações nesses algures tão familiares, ex-países colonizados, espaços lúdicos e de extração de valor em lugares longínquos, que se tornaram cada vez mais perigosos, ainda que sejam necessários para sustentar o *insustentável* modo de vida europeu: como pode a Europa, fundada na forma-nação, autoconstituir-se como lugar de compensação, de imunidade, como uma espécie de espaço sagrado onde a vida deve ser mantida às custas dessas “exterioridades” (ainda que interiores) duramente atingidas pela pandemia e pelas políticas correntes de destruição da vida? Como pode uma política, que tem como objetivo final a conservação e a valorização da vida, transformar-se numa política que contém a doença e a morte não só como efeito, mas também como condições?

BIOGRAFIAS

Robin Celikates

Robin Celikates é professor de filosofia social na Universidade Livre de Berlim e diretor adjunto do Centro de Humanidades e Mudança Social de Berlim. Antes de se mudar para Berlim, lecionou vários anos na Universidade de Amsterdão e foi membro do Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Os seus principais interesses de investigação estão no campo da teoria crítica. Atualmente, ele trabalha principalmente sobre desobediência civil, democracia, migração e racismo. É co-editor da revista *Critical Times: Interventions in Global Critical Theory* (<https://www.dukeupress.edu/critical-times>) e regularmente intervém em debates públicos em jornais, rádio e online. Homepage: <https://fu-berlin.academia.edu/RobinCelikates>. As suas publicações incluem *Sozialphilosophie* (C. H. Beck 2017, com Rahel Jaeggi), *Einführung in die Politische Philosophie* (Reclam 2013, com Stefan Gosepath); *Kritik als soziale Praxis. Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie* (Campus 2009); *Analyzing Ideology* (Oxford University Press 2019, com Haslanger Sally, Stanley Jason); *Transformations of Democracy. Crisis, Protest, and Legitimation*. London: Rowman & Littlefield (Rowman & Littlefield 2015, com Regina Kreide e Tilo Wesche); *The Irregularization of Migration in Contemporary Europe: Detention, Deportation, Drowning* (Rowman & Littlefield 2015, com Josst de Bloois e Yolande Jansen).

Hourya Bentouhami

Hourya Bentouhami é professora associada de filosofia na Université Toulouse II (França). Publicou extensivamente sobre perspectivas pós-coloniais no feminismo e teoria política, cobrindo um amplo espectro de tópicos

como identidade, cultura, reconhecimento, desobediência, memória da escravidão e justiça restaurativa. Contribuiu para debates públicos sobre migrações, minorias e discriminações, visibilidade racial, gênero, sexismo e racismo. Foi professora visitante Columbia University e co-coordenadora do Programa em Memória da Escravidão nas Américas (Toulouse). Em 2012, participou do documentário *Notre monde*, de Thomas Lacoste, no qual evoca a obra de mulheres de origem estrangeira, que, segundo ela, é desacreditada e invisibilizada pelo poder político. Autora de *Le dépôt des armes. Non-violence et désobéissance civile* (Presses Universitaires de France, 2015); *Race, Cultures, Identités. Une approche féministe et postcoloniale* (PUF, 2015); *Critical Race Theory: une introduction aux grands textes fondateurs* (ed. com Mathias Möschel Dalloz, 2017); “Political Phenomenology of the Veil” (in *Race as Phenomena*, Rowman and Littlefield, 2019)

DIÁLOGO 3

ETIENNE BALIBAR & FRIEDER OTTO WOLF

Entre o Estado e o Comum: o serviço público

Etienne Balibar

Não sabemos quando “terminarão” a pandemia e a crise social que ela engendra. Mas devemos tentar entender o que está a mudar no significado dos conceitos políticos que usamos para enfrentar as consequências. De modo imediato, um dos elos estratégicos é a crise do serviço público. Os cidadãos teoricamente “iguais quanto aos direitos” não são hoje em dia iguais nem em face da doença, nem em face dos meios implementados para proteger a sociedade dela. Podemos, portanto, dizer que o serviço público destruiu o Comum e, ao mesmo tempo, contradiz a universalidade que constitui a sua razão de ser. E, no entanto, não pode ser pura e simplesmente abolido em benefício de instituições privadas ou iniciativas de cidadãos autogeridas. A experiência que estamos tendo, portanto, nos força a nos afastarmos de oposições simplistas. Ela autonomiza a noção de serviço público e confere-lhe uma conflitualidade própria. Médicos e outras equipes de enfermagem e hospitalares, apoiados pela opinião pública, produziram um efeito comunitário profundamente político. No entanto, ele não pretende substituir o Estado pelo Comum. Em vez disso, ele procura antes obrigar o Estado a servir o público, retirando da economia de mercado os recursos necessários, e em seguida, mobilizando-os racionalmente, sob controle democrático. Árbitro dos conflitos entre o Estado e o comum, o serviço público também está em jogo no seu confronto.

O serviço público enquanto lugar e prática das lutas sociais – um olhar sobre a constelação da crise atual

Frieder Otto Wolf

O serviço público é uma questão de luta. Isso em todos os níveis: do mais superficial - por exemplo, financeiro – até ao mais profundo – por exemplo, a luta de classes. E há um conflito próprio e específico: a universalidade das regras, por um lado, e a adequação às necessidades da situação concreta, por outro. Isso é válido tanto para o público quanto para o Estado. Com uma diferença de ênfase: no Estado há uma tendência a formalizar (e, por assim dizer, fixar) a universalidade; no Comum há uma abertura para as especificidades das situações singulares. Por outras palavras, a política na sua forma estatal privilegia o direito, enquanto que a política na sua forma comunitária enfatiza a justiça, a retificação das decisões tomadas. Daí o antagonismo latente na prática política concreta - que nos pode levar à questão de como superar a oposição entre o Estado e o Comum (um eco distante da velha questão do definhamento do Estado).

BIOGRAFIAS

Étienne Balibar

Étienne Balibar, um dos filósofos mais proeminentes do nosso tempo, detém a Anniversary Chair em Filosofia Europeia Moderna na Kingston University, em Londres, e é professor visitante na Columbia University. É professor emérito de filosofia moral e política na Université Paris X – Nanterre e professor emérito de humanidades na Universidade da Califórnia, Irvine. Publicou amplamente nas áreas de epistemologia, filosofia marxista e filosofia moral e política em geral. Autor de *Lire le Capital* (com Louis Althusser, Pierre Macherey, Jacques Rancière, Roger Establet) (1965); *Cinq Etudes du Matérialisme Historique* (1974); *Sur La Dictature du Proletariat* (1976); *Race, Nation, Class. Ambiguous Identities* (Verso, 1991, com Immanuel Wallerstein); *Écrits pour Althusser* (1991); *Les Frontières de la Démocratie* (1992); *The Philosophy of Marx* (Verso 1995); *Droit de cité. Culture et politique en démocratie* (1998); *John Locke, Identité et différence - L'invention de la conscience* (1998); *Spinoza and politics* (Verso 1998); *Politics and the Other Scene* (2002); *We, the People of Europe? Reflections on Transnational Citizenship* (Princeton 2004); *Equaliberty* (2014); *Violence and Civility. On the Limits of Political Philosophy* (Columbia University Press, 2015); *Citizen Subject. Foundations for Philosophical Anthropology* (Fordham University Press, 2017); *Secularism and Cosmopolitanism* (Columbia University Press 2018) and *On Universals. Constructing and Deconstructing Community* (Fordham University Press, 2020).

Frieder Otto Wolf

Frieder Otto Wolf é professor honorário de filosofia da Universidade Livre de Berlim. Estudou filosofia e ciências políticas (em Kiel, Paris

e Edimburgo) entre 1962 e 1966. De 1966 a 1981, ensinou e investigou na Universidade do Sarre, Saarbrücken, na Universidade Livre de Berlim, na Universidade de Coimbra e no Centro de Ciências (Wissenschaftszentrum) de Berlim. Ensinou filosofia na Universidade Livre de Berlim, desde 1973 como *Privatdozent* e desde 2006 como Professor Honorário. Representou no Parlamento Europeu o Partido Verde Alemão de 1984 a 1989, bem como de 1994-99. Autor de *Humanistische Interventionen* (Alibri, 2019); *Radikale Philosophie. Aufklärung und Befreiung in der neuen Zeit*. (2. ed. Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2019); *Rückkehr in die Zukunft – Krisen und Alternativen. Beiträge zur radikalen Philosophie* (Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2012); *Humanismus für das 21. Jahrhundert* (Humanistischer Verband Deutschlands, Landesverband Berlin, Berlin 2008); *Umwege. Der Tod der Philosophen und andere Vorgriffe* (2. ed, Berlin, 2008); *Welt ist Arbeit. Im Kampf um die neue Ordnung (com Gerd Peter, Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2008)*; *Arbeitsglück. Untersuchungen zur Politik der Arbeit* (Lit Verlag, Münster 2005); *Umwege. Politische Theorie in der Krise des Marxismus* (SOAK-Verlag, Hannover 1983, Umwege, Berlin, 2009). *Die neue Wissenschaft des Thomas Hobbes*, 1969

DIÁLOGO 4

GUNTER GEBAUER & DIOGO SARDINHA

Dos efeitos da crise Corona sobre o comportamento e as emoções

Gunter Gebauer

A crise corona despontou uma série de alterações profundas no comportamento dos cidadãos alemães. Estas manifestam-se como inibição de movimentos, escusa de contacto, rejeição de proximidade e vigilância de outras pessoas. Deste modo, surgiu uma nova experiência da estranheza. Os sentimentos corporais em interacções estão agora marcados por insegurança e suspeição. Em consequência disto, é possível observar um retrocesso na intimidade da própria pessoa. Filosoficamente, é possível designar isto, segundo a expressão de Hannah Arendt, como “ser desprovido de mundo” (*Weltlosigkeit*). Antropologicamente, isto deixa-se descrever bem mediante o conceito de hábito, de Pierre Bourdieu: as mudanças no comportamento são provocadas por intervenções no hábito; elas têm eficácia imediata sobre o corpo e modificam o sentimento de si. Na primeira fase das medidas de prevenção da pandemia, de abril a agosto, as regulamentações do comportamento e da vida pública foram prontamente interiorizadas pelos cidadãos alemães. Desde setembro, grupos emergentes, cada vez mais agressivos, começaram a rebelar-se contra tais medidas. Como é possível descrever antropologicamente esta resistência? No que se distinguem os protestantes da maioria da população?

A epidemia como produção acelerada de uma vida nova

Diogo Sardinha

Ao contrário do que se poderia pensar, a pandemia não é apenas um momento de suspensão das atividades e de abrandamento dos ritmos – da economia, do trabalho, das viagens, do ensino, da vida. Ela é também e sobretudo um momento de imensa aceleração de práticas que já estavam em curso de forma lenta. Vemos assim a generalização do teletrabalho, o deslocamento das pessoas dos centros urbanos onde trabalham para residências fora da cidade, a consagração da vida diante dos ecrãs, a penetração das hierarquias profissionais no espaço do lar, até agora sobretudo privado e mesmo íntimo. Estas mudanças repentinas e massivas, por conseguinte brutais, são tornadas inevitáveis pelas medidas restritivas adotadas nos mais diversos países. Não é por isso de estranhar que os mercados financeiros internacionais registem subidas permanentes: eles não fazem mais do que antecipar a expansão que virá deste novo mundo altamente tecnologizado, que transformará os hábitos individuais e coletivos, produzindo novas necessidades que a economia terá de satisfazer. Ao mesmo tempo, os comportamentos de cada um em relação aos outros e em relação a si mesmo sofrem alterações. Sentimos uma vulnerabilidade geral porque todos podemos ser “afetados” pela doença. É um “inimigo invisível”; parece “insidioso”. Não sabemos se “atacou” os “nossos” ou se já pertencemos à “massa de pessoas infetadas”. Nesta situação, não sabemos se “precisamos de proteção”. Sem termos a certeza de quando sairemos desta situação, os hábitos que estamos a adquirir fazem pensar que não voltaremos rapidamente ao que fomos até há pouco tempo, nem nas nossas relações com as outras pessoas nem connosco mesmos. Também aqui, num plano antropológico, a pandemia faz mais do que abrandar os ritmos: ela está a produzir vidas - distantes, desconfiadas, reservadas - que até agora não se tinham generalizado à escala das nossas sociedades.

BIOGRAFIAS

Gunter Gebauer

Gunter Gebauer é professor emérito de filosofia e sociologia do desporto na Universidade Livre de Berlim. Foi porta-voz do Centro Interdisciplinar de Antropologia Histórica. As suas publicações incluem: *Der Einzelne und sein gesellschaftliches Wissen. Untersuchungen zum Symbolischen Wissen*. Berlin/New York: De Gruyter 1981; *Historische Anthropologie* (com D. Kamper/ D. Lenzen/ H.G. Mattenklott/ K.G. Wünsche). Reinbek: Rowohlt 1988; *Mimesis. Kultur – Kunst – Gesellschaft* (com Ch. Wulf). Reinbek : Rowohlt 1992; tradução em inglês: *Mimesis: Culture – Art – Society* (editado com Ch. Wulf). Berkeley/Los Angeles: University Press of California 1995; tradução em francês: *Mimésis. Culture–Art–Société* (com Christoph Wulf) Paris: Les Éditions du Cerf 2005; *Spiel – Ritual – Geste. Das Mimetische in der sozialen Welt* (com Ch. Wulf). Reinbek : Rowohlt 1998; Tradução em francês: *Jeux, Rituels. Gestes. Les fondements mimétiques de l'action sociale*. Paris: Anthropos 2004; *Wittgensteins anthropologisches Denken*. München: C.H. Beck 2009; *Ludwig Wittgenstein. Im Fluss des Lebens und der Sprache*. Livro lido por Ulrich Matthes e Gunter Gebauer. (Hörbuch, Onomato Verlag, 2011). *Von der Emotion zur Sprache. Wie wir lernen, über Gefühle zu sprechen* (com Manfred Holodynski, Stefan Koelsch, Christian von Scheve), Weilerswist, Velbrück 2017; *Vom Sog der Massen und der neuen Macht der Einzelnen* (com Sven Rücker), DVA/Random House, München 2019.

Diogo Sardinha

Diogo Sardinha estudou filosofia nas Universidade de Lisboa e de

Paris Nanterre (sob a supervisão de Étienne Balibar), antes de obter a sua Habilitação na Universidade de Paris 8 Vincennes Saint-Denis. Foi investigador visitante no departamento de filosofia da Universidade Católica de São Paulo, no Centro de Investigação Franco-Alemão Marc Bloch de Ciências Sociais de Berlim, no departamento de filosofia da Freie Universität Berlin (acolhido por Gunter Gebauer) e no Institute for Comparative Literature and Society – ICLS da Universidade de Columbia em Nova Iorque. Em 2010, tornou-se membro do Colégio Internacional de Filosofia em Paris durante seis anos, coordenando o programa de investigação Violência e Política. De 2013 a 2016 foi Presidente do mesmo Colégio Internacional e primeiro não-francês a ocupar este cargo desde a fundação em 1983 por um grupo de pensadores conduzido por Jacques Derrida. Publicou e editou livros e números de revistas sobre Kant, Foucault e Deleuze, entre outros. Com Bertrand Ogilvie e Frieder Otto Wolf, coeditou um livro sobre a Europa. Os seus principais interesses incluem história, política e antropologia, centrados na filosofia alemã a partir de Kant e na filosofia francesa do século XX. Atualmente é investigador no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. O seu livro mais recente (2019) foi publicado em São Paulo sob o título *A Tirania dos Poderes Coniventes: o Brasil na Conjuntura*.

DIÁLOGO 5

JULIAN NIDA-RÜMELIN & SERGE TISSERON

Aspetos de risco éticos e políticos na crise Corona

Julian Nida-Rümelin

O risco faz parte da vida. Habitúamo-nos àquilo a que se chama “risco gerais de vida”. Tais riscos são, quando muito, influenciados pelo comportamento do indivíduo, mas apenas raramente por intervenções do Estado. Novos riscos, como o da actual pandemia Corona, confrontam o Estado e a sociedade com grandes desafios, que só podem ser suplantados se estes forem orientados segundo uma praxis do risco, racional, ética e juridicamente permissível. O orador estabelecerá uma ponte entre Ética filosófica, Direito, Economia e Política, a fim de providenciar orientação no seio da crise.

“Aspectos de risco éticos e políticos na crise Corona”. Resposta a Julian Nida-Rümelin

Serge Tisseron

A pandemia COVID-19 trouxe questões éticas fundamentais para o primeiro plano mediático, em particular pelas implicações nas prioridades de saúde e na procura do equilíbrio necessário entre segurança e liberdades. Mas também foi para muitos um choque traumático, a ponto de constituir hoje uma crise psicológica. Um trauma é um fenómeno de agressão do psiquismo e sobrecarga das suas defesas resultantes de ameaças à vida ou à integridade física ou psicológica. Na verdade, esta epidemia impôs brutalmente quatro formas de angústia nunca antes unidas: a angústia da morte física, da morte social, da morte psíquica e até a angústia do desapareci-

mento da espécie humana, movida por alguns colapsologistas. Essas quatro formas de ansiedade têm sido agravadas também pela falta de habilidade do governo, que tem ignorado massivamente a importância do vínculo social para a saúde mental, com consequências para os três pilares sobre os quais se constrói a identidade de cada um: a auto-estima, a certeza de amar e de ser amado, e a capacidade de se sentir reconhecido e integrado na própria comunidade. O consequente transtorno de stress pós-traumático levou a um aumento considerável no consumo de ansiolíticos e antidepressivos, mas também causou várias formas de negação que têm em comum afirmar a preeminência do vínculo social acima de qualquer outra consideração. É com essas negações que lidamos hoje, num momento em que é mais importante do que nunca enfrentar uma segunda onda de Covid com a maior lucidez possível, para enfrentar as principais questões éticas que ela coloca.

BIOGRAFIAS

Julian Nida-Rümelin

Julian Nida-Rümelin, um dos filósofos de maior renome na Alemanha, é professor de filosofia e teoria política na Universidade Ludwig Maximilians em Munique. Como Ministro de Estado da Cultura e dos Media, foi membro do primeiro gabinete de Schröder. É membro da Academia de Ciências de Berlim e da Academia Europeia de Ciências, diretor do Instituto Bavariano de Transformação Digital (bidt). Em 2016, o governo estadual da Baviera concedeu-lhe a Medalha por Méritos especiais para a Baviera numa Europa Unida. Em 2019 recebeu a Ordem de Mérito da Baviera. É membro do Conselho de Ética Alemão. O seu livro *Die Optimierungsfalle. Philosophie einer humanen Ökonomie (A Armadilha da Otimização. Filosofia de uma economia humana)* é baseado numa teoria da racionalidade prática na interface entre economia, teoria dos jogos e filosofia. Ele defende uma renovação do humanismo filosófico e político (*Humanistische Reflexionen*, Suhrkamp, 2016), trata dos princípios de uma prática educacional humana e diversa, incluindo a ética da migração (*Über Grenzen denken*, Edição Körber 2017). O seu livro *Digitaler Humanismus: Eine Ethik für das Zeitalter der künstlichen Intelligenz (Humanismo Digital: Uma Ética para a Era da Inteligência Artificial*, Piper Verlag, 2018) recebeu o Prémio Bruno Kreisky na Áustria de melhor livro político do ano. A sua mais recente publicação é *Die gefährdete Rationalität der Demokratie (A racionalidade da democracia em perigo*, edição Körber 2020).

Serge Tisseron

Serge Tisseron é psiquiatra, membro da Academia de Tecnologias,

doutor em psicologia, membro do conselho científico do CRPMS da Universidade de Paris. Publicou cerca de quarenta ensaios pessoais, nomeadamente sobre segredos de família e sobre a nossa relação com as imagens, traduzidos para doze idiomas, e mais de 200 artigos. Investiga em particular sobre como novas tecnologias nos transformam. Fundou 4 associações: Três, Seis, Nove, Doze (<http://3-6-9-12.org>) para apoiar os pais nas suas tarefas educacionais em torno dos ecrãs; Instituto para o Estudo das Relações Humano-Robôs (<http://IERHR.com>) para estudar as relações entre humanos e máquinas; O Jogo das Três Figuras (<http://3figures.org>) para desenvolver empatia do jardim de infância ao ensino básico, usando a atividade teatral. O Projeto que fundou recebeu apoio e certificação do Ministério da Educação Nacional; Instituto de História e Memória das Catástrofes (<http://memoires-descatastrophes.org>) criado em 2008 em parceria com o Ministério da Ecologia, do Desenvolvimento Sustentável e da Energia (MEDDE) para contribuir para a resiliência social face às catástrofes com base nas memórias individuais e coletivas. Em 2002, recebeu o Prémio de Livro de Televisão, em 2004 o Prémio Stassart da Academia de Ciências Morais e Políticas, e em 2013, em Washington, um Prémio do Family Online Safety Institute (FOSI) “for outstanding achievement”. Foi co-editor do parecer da Academia Francesa de Ciências, *L’Enfant et les tableaux* (2013). O seu site: <http://www.sergetisseron.com>.

DIÁLOGO 6

ALEXEI GRINBAUM & ARMIN GRUNWALD

Rastreamento digital: a favor ou contra?

Alexei Grinbaum

Ao insistir no envolvimento dos smartphones na preservação da saúde dos cidadãos, a política invade a cidade digital. Na Grécia antiga, um político famoso costumava desafiar o invasor persa: *Molon labe*, “Vem conquistar”. O vírus respondeu ao desafio, mas onde se situam as nossas Termópilas éticas? Aquando da última epidemia de peste em Marselha em 1720, utilizavam-se os melhores meios técnicos disponíveis na época, as espingardas, para disparar contra as pessoas que tentavam sair da zona vermelha. Atualmente, temos outros meios para vigiar as deslocções. O debate em torno do rastreamento digital, através dos smartphones, provoca emoções intensas. Deveremos recorrer a esse método? Se sim, sob que condições? Servirá ele para conter a propagação da pandemia?

“Rastreamento digital: a favor ou contra?”. Resposta a Alexei Grinbaum

Armin Grunwald

Pode-se debater se o registo digital de contactos de contactos por Covid-19 é eticamente responsável e oportuno. Sob rigoroso controlo democrático, tomo por legítimo que se adie por tempo limitado a protecção de dados, em favor do objectivo da saúde. No entanto, a introdução política de aplicações de alerta (Warn-apps) foi menos caracterizada por uma cuidadosa ponderação de argumentos, do que por um entusiasmo general-

izado a respeito das possibilidades digitais. Aqui se nota um reflexo disseminado pelas sociedades modernas, [a saber], de, em situações de emergência, em especial aquelas com elevado grau de insegurança, recorrer a soluções tecnológicas. Estas, é manifesto, têm um efeito calmante e prometem segurança. Contudo, a crença na tecnologia, patente na pandemia Covid-19, fracassou como em tantas situações prévias, semelhantes a esta. Empiricamente considerada, a situação é deprimente: no Verão, as aplicações são introduzidas na Alemanha e na França com grandes esperanças, e, no entanto, desde o Outono o número de infectados cresce dramaticamente. Mostra-se, pois, que a ingénua crença na tecnologia é de tão pouco auxílio na pandemia, como o é na resolução de outros problemas. Tudo depende, ainda e sempre, da cooperação entre tecnologia e seres humanos. Os últimos são o factor decisivo, a técnica digital não é nenhuma salvação em relação à pandemia, antes apenas um componente entre muitos outros – eventualmente, até mais insignificante do que outros.

BIOGRAFIAS

Alexei Grinbaum

Alexei Grinbaum é físico e filósofo. Depois de estudar na Universidade de São Petersburgo e na Escola Politécnica, defendeu uma tese sobre o papel da informação na teoria quântica. Desde então, explorou os fundamentos da física com interesse nas questões éticas das novas tecnologias. Atualmente é investigador do laboratório LARSIM do CEA-Saclay. Seu interesse é pelas questões éticas e sociais das novas tecnologias, em particular das nanociências e das nanotecnologias. Estuda as incertezas do progresso técnico e seu impacto na governança, na aplicação do princípio da precaução e na percepção do público sobre as inovações tecnológicas. As suas publicações também se dedicam às grandes narrativas tecnológicas e à análise da responsabilidade dos investigadores. Aplica conceitos antropológicos para compreender a função das imagens de nanoobjetos. A sua pesquisa mais recente concentra-se em questões éticas da biologia de síntese, particularmente a noção de vida num contexto ético e histórico. Foi coordenador para França do projeto “Observatório Europeu de Nanotecnologias” e contribuiu para o Kit de Ferramentas para Reflexão Ética e Comunicação sobre Nanotecnologia. É membro da Cerna da Allistene (Comissão de reflexão sobre a ética da pesquisa em ciências e tecnologias digitais). Publicou recentemente *Mécanique des étreintes* (Encre Marine, 2014) e *Les robots et le mal* (Desclée de Brouwer, 2019).

Armin Grunwald

Armin Grunwald estudou física, matemática e filosofia. Doutorou-se (*Dr. rer. nat.*) pela Universidade de Colónia em 1987. Fez a sua Habili-

tação com *venia legendi* em filosofia em 1998 na Universidade de Marburg. Trabalhou na indústria (engenharia de software, 1987-1991), no Centro Aeroespacial Alemão (1991-1995) e como diretor adjunto da Academia Europeia para a Investigação das Consequências do Desenvolvimento Científico e Técnico (1996-1999). Desde 1999 dirige o Instituto de Avaliação da Tecnologia e Análise de Sistemas (ITAS) no Instituto de Tecnologia de Karlsruhe (KIT). Desde 2002 dirige também o escritório de Avaliação da Tecnologia no Bundestag alemão (TAB). Desde 2007 é também professor de ética e filosofia da tecnologia no KIT. É membro da Academia Alemã de Ciências da Tecnologia (Acatech) desde 2009 e membro da presidência da Acatech desde 2014. Foi membro da comissão de repositórios geológicos profundos (para resíduos tóxicos ou radioativos) do Bundestag alemão de 2014 a 2016. Foi membro da Comissão de Ética para Condução Autônoma e em Rede do Ministério Federal dos Transportes em 2016/2017. É presidente do Comitê Nacional de Apoio à Busca de Repositórios geológicos profundos desde 2020. As suas áreas de trabalho são: Teoria e metodologia de avaliação da tecnologia, filosofia da tecnologia, ética da tecnologia, desenvolvimento sustentável. Autor de *Der unterlegene Mensch. Zur Zukunft der Menschheit angesichts von Algorithmen, Robotik und Künstlicher Intelligenz* (Riva, 2018) (*O homem inferior. Sobre o futuro da humanidade diante de algoritmos, da robótica e da inteligência artificial*).

DIÁLOGO 7

ALICE CASAGRANDE & OLIVER SCHLAUDT

A cólera de Aquiles. Por que falar de “uma guerra contra o coronavírus” desfigura o cuidado?

Alice Casagrande

O que significa o recurso à figura de estilo da guerra, que certamente foi desenvolvida com fins políticos, mas cuja popularidade aponta, sem dúvida, para as dimensões mais profundas das nossas representações coletivas? Ela salienta a dificuldade que temos em imaginar que as pessoas também se mobilizam por altruísmo e por coragem. Essa mobilização, individual e coletiva, ocorre quando os povos espontaneamente mostram, mutuamente, sinais de solidariedade em tempos de adversidade.

“A cólera de Aquiles”. Resposta a Alice Casagrande

Oliver Schlaudt

Com esta invisibilidade do cuidado analisada por Alice Casagrande, falamos quase de uma característica universal do trabalho de cuidado, que se aplica não apenas à nossa sociedade atual, mas a vários períodos históricos e talvez a muitas sociedades. O mesmo vale para o contraste entre cuidado e guerra, que Alice Casagrande acertadamente aponta, mas que não é característico da nossa época. Motivo pelo qual, me parece importante lembrar o contexto político exato da crise do Corona. E é aqui que as nossas duas análises se aproximam. O neoliberalismo é uma doutrina social que nega os fundamentos elementares da sociedade. Na crise do Corona e no discurso desadequado sobre a guerra, é precisamente essa contradição que se torna evidente.

BIOGRAFIAS

Alice Casagrande

Formada pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris, pela Universidade de Cambridge, com mestrado e DEA em filosofia ética, Alice Casagrande é especialista em questões de ética e luta contra maus-tratos de pessoas vulneráveis. É Presidente da Comissão Nacional de Prevenção de Maus-Tratos e Promoção do Bom Trato a Idosos e Deficientes. Desde outubro de 2014, é diretora de formação, inovação e vida associativa da Fehap, Federação de hospitais e estabelecimentos de assistência pessoal sem fins lucrativos. Participou em duas missões públicas sobre a velhice: a consulta sobre velhice e autonomia; a missão de Myriam El Khomri sobre profissões. Leciona ética e gestão na Universidade Paris Dauphine e no espaço ético Ile-de-France, e leciona sobre prevenção de maus-tratos na Ecole des Hautes Etudes em Saúde pública. Por fim, é presidente da Comissão de ética do grupo de hospitais do Kremlin-Bicêtre (AP-HP) e, desde fevereiro de 2019, membro da comissão independente de investigação de abusos sexuais na Igreja (CIASE). Autora de vários livros e artigos: *Questions d'éthique autour du donneur vivant* (2007), *Vieillir en institution* (2008), *Ce que la maltraitance nous enseigne* (2012), *Ethique et Management du soin et de l'accompagnement* (dir., 2016).

Oliver Schlaudt

Oliver Schlaudt, professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Heidelberg. Estudou física, fez o doutoramento e a Habilitação em filosofia. Leciona filosofia na Universidade de Heidelberg, na UCF Freiburg e em SciencesPo Paris (Campus Nancy). Um dos focos da sua investigação

é sobre a produção e uso de números na ciência e no discurso público. O seu último livro, *Die politischen Zahlen. Über Quantifizierung im Neoliberalismus* (*Os Números Políticos. Sobre a quantificação no neoliberalismo*, Frankfurt a.M.: Klostermann, 2018), descreve como os números são usados para criar a ilusão de objetividade, embora na realidade transmitam uma mensagem política oculta. As suas publicações incluem *Wirtschaft im Kontext. Eine Einführung in die Philosophie der Wirtschaftswissenschaften in Zeiten des Umbruchs* (Rote Reihe 85. Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M. 2016); *Was ist empirische Wahrheit? Pragmatische Wahrheitstheorien zwischen Kritizismus und Naturalismus* (Philosophische Abhandlungen Bd 107. Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M. 2014); *Messung als konkrete Handlung. Eine kritische Untersuchung über die Grundlagen der Bildung quantitativer Begriffe in den Naturwissenschaften* (Königshausen und Neumann, Würzburg 2009); *Afred Sohn-Rethel (1899-1990). Controverses autour d'un philosophe matérialiste / Kontroversen um einen materialistischen Philosophen* (com Françoise Willmann, Recherches germaniques, hors-série no. 15 / 2020, Presses Universitaires de Strasbourg).

DIÁLOGO 8

*ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO &
CRISTINA VIANO*

Pandemia e Apocalipse

António de Castro Caeiro

O que a pandemia traz não é só a doença espalhada pelo veneno do vírus. A pandemia dá que pensar. Revela como é connosco, como somos e temos sido. Lança dúvidas sobre como vai ser o nosso futuro. O que quer que acontece ao humano não se reduz nunca à explicação plausível científica. A situação presente abre-nos para uma dimensão em que a urgência sentida é de uma enorme pressão. A escalada da violência na pandemia é sem precedentes. O que a pandemia faz é revelar a exposição total da humanidade à doença e à morte. O diagnóstico da situação concreta em que cada um de nós se encontra nunca se esgota no escrutínio presente dos sintomas. O diagnóstico é feito com vista a um prognóstico, em todas as actividades humanas. A pandemia dá que pensar, não abstractamente, mas de forma concreta, não só no presente, mas a respeito do passado, de como vivemos e temos vivido a vida. E dá-nos a possibilidade de rever o modo como nós mesmos somos: a viver a vida no seu todo, a antecipar futuro, a procurar saber como vai ser. É a partir de uma avaliação total a que somos obrigados, feita a partir do interior de nós próprios e da realidade que se revela tão problemática que pode abrir-se um prognóstico. Um prognóstico que não cure apenas uma doença com contornos pandémicos mas traga também uma possibilidade que abra simplesmente, que seja possibilitante de um novo e radical modo de viver a vida.

“Pandemia e Apocalipse”. Resposta a António de Castro Caeiro

Cristina Viano

«No man is an island entire of itself; every man
is a piece of the continent, a part of the main»

John Donne, *MEDITATION XVII Devotions
upon Emergent Occasions*

No seu belo texto, António Caeiro associa a pandemia ao apocalipse, não só no sentido bíblico imediato que lhe é dado, de “fim do mundo”, de catástrofe planetária, mas também, e sobretudo, no sentido próprio do termo grego de “revelação”, que afeta o indivíduo com força total na sua dimensão temporária e temporal. Caeiro mostra claramente como a situação presente, perigosa e inédita, constitui um marco de referência histórico no fluxo da vida, que obriga o indivíduo a refletir sobre o seu passado e a projetar-se no futuro, ligando meios e fins para se adaptar a uma nova (sobre)vida. Um aspeto fundamental da pandemia é a sua dimensão coletiva e inter-relacional: de facto, o termo grego designa “uma comunidade humana no seu todo”. Ao retomar as famosas e lúcidas páginas de Tucídides sobre a peste de Atenas, no século V a.C., gostaria de discutir com o meu interlocutor três aspetos, com os quais a nova humanidade se confrontará: as relações humanas, a investigação e descoberta das causas, e a capacidade da inteligência prática em adaptar os princípios aprendidos às circunstâncias presentes.

BIOGRAFIAS

António de Castro Caeiro

António de Castro Caeiro é professor de filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL), membro do Instituto de Filosofia da NOVA (IFILNOVA), ensaísta e tradutor. Obteve o grau de doutor em Filosofia Antiga com a tese «A Areté como possibilidade extrema do Humano, fenomenologia da práxis em Platão e Aristóteles» (1998), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Ensina na FCSH desde 1990, dedicando-se à Filosofia Antiga e à Filosofia Contemporânea. Foi Visiting Scholar na FD de Ribeirão Preto da USP, USF (Florida) e Oriel College (Oxford). Escreve semanalmente para o Hoje Macau. Apresentou o programa de TV sobre filosofia “É Um Clássico” na RTP. Publicou em Cambridge: *Reflections on Everyday Life* (2019). Traduziu do grego as *Odes Para os Vencedores* (Quetzal, 2010) e as *Odes Olímpicas* (Abysmo, 2017) de Píndaro. De Aristóteles, traduziu *Os Fragmentos dos Diálogos e Obras Exortativas* (INCM, 2014), *As Constituições Perdidas de Aristóteles* (Abysmo, 2019) e *Ética à Nicómaco* (Atlas 2009), tendo publicado ainda os ensaios *São Paulo: apocalipse e conversão* (Aletheia, 2014) e *Um Dia Não São Dias* (Abysmo, 2017). É autor de *Por si próprio, com base em Max Scheler* (2010) e *Um dia não são dias* (Lisboa, Abismo, 2015).

Cristina Viano

Cristina Viano é diretora de investigação do CNRS, Centre Léon Robin (UMR 8061), Sorbonne Université. Especialista em filosofia antiga, interessa-se principalmente pela filosofia de Aristóteles, pela teoria das emoções nas relações humanas e nas relações políticas, pela noção de cau-

salidade, pelas antigas teorias da matéria e pela alquimia greco-Alexandrina. Fez várias viagens de estudo ao exterior, em particular a Cambridge, Edimburgo e Oxford. Lecionou como professora visitante nas Universidades de Veneza, São Paulo, Santiago (Chile), México e Jinan (Shandong, China). Dirigiu um projeto internacional intitulado: “AITIA / AITIAI. O nexo causal no mundo antigo: origens, formas e transformações” (2014-2017) e atualmente dirige um projeto de cooperação franco-brasileira com a USP de São Paulo, intitulado “O indivíduo e a cidade: relações humanas e relações políticas em Aristóteles e no seu tempo” (2020-2021). Entre suas publicações: *La matière des choses. le livre IV des Météorologiques d’Aristote et son interprétation par Olympiodore* (Paris, Vrin, 2006); (ed. com C. Natali et M. Zingano) *AITIA I. Les quatre causes d’Aristote : origines et interprétations* (Louvain, Peeters, 2013); (ed. com F. Masi et S. Maso) *ÊTHIKÊ THEÓRIA. Studi sull’Etica Nicomachea in onore di Carlo Natali* (Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2019); Aristotele, *Retorica*, trad., introd. e notas (Bari, Laterza, no prelo).

TRADUTORES

Dirk Michael Hennrich

Dirk Michael Hennrich é Investigador Doutorado na área da Filosofia da Natureza e do Ambiente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro integrado do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL) com interesse principal nos seguintes campos de investigação: Filosofia da Paisagem (<https://philosophyoflandscape.com/>), Filosofia dos Media, Idealismo Alemão, Pré-Romantismo Alemão, Filosofia em Portugal e no Brasil. Foi bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) de 2015-2019 e bolseiro de investigação em Cultura Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) em 2014/15. Em 2014 concluiu seu Doutorado com um trabalho sobre a questão da identidade europeia no interstício entre Filosofia e Poesia no Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa financiado através de uma bolsa de Doutorado da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) entre 2009-2013. Obteve seu Mestrado em Filosofia, Literatura Alemã e História em 2003 na Universidade de Basileia/Suíça com um trabalho sobre Vilém Flusser e Jacques Derrida e a questão da escrita na época das imagens técnicas. Em 1997/98 foi Bolseiro Erasmus na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Suas publicações incluem artigos jornalísticos, ensaios acadêmicos, contos e poesia escritos em alemão, português e inglês.

Fernando Manuel Ferreira da Silva

Pós-Doutorando e membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Doutorado em 2016, sobre a crítica da identidade nos «Fichte-Studien» de Novalis. Co-coordenador do Núcleo de Estudos Kant

e o Idealismo Alemão, CFUL. Principais interesses de investigação: Estética e Antropologia kantianas, Idealismo e Romantismo alemães, em autores tais como Baumgarten, Fichte, Novalis, Fr. Schlegel e Hölderlin, tendo publicado sobre e traduzido vários destes. Principais publicações: ‘*The poem of the understanding is philosophy*’. *Novalis and the art of self-critique*, in Mimesis Verlag, Alemanha (no prelo); “Kant’s Concept of Poetry and the Anthropological Revolution of Human Imagination”, in: Lorini G., Loudon R. (eds) *Knowledge, Morals and Practice in Kant’s Anthropology*. Palgrave Macmillan, UK, pp. 117-132; “‘Dementia is a fiction’. Kant on the mental disturbances of the human soul”, in *Tijdschrift voor Filosofie*, KU Leuven, Belgium, Vol. 81, Issue 4, 2020, pp. 657-680; “Baumgarten and the problem of obscure representations”, in *Daimon – Revista Internacional de Filosofía*, Murcia, Spain, n. 79, 2020, pp. 101-116; “Um ‘secreto procedimento da alma dos homens’: Kant sobre o problema das representações obscuras”, in *Con-textos Kantianos*, Universidad Complutense de Madrid, nº. 5, junho de 2017, pp. 190-215.

Luís Felício

Poeta, nasceu em Tavira, vive em Paris. Estudou História de Arte e Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Université Paris VIII, foi co-editor e co-director da revista literária *Cràse*. Tem textos publicados, sob o pseudónimo de Ruy Narval, na revista *Sin_ismo : projecto imaginário e heterotópico*, da Faculdade de Letras do Porto, e no DN Jovem (desde 2002). Tem tido várias distinções literárias – venceu o concurso Jovem Criador, organizado pela C. M. de Aveiro, em 2007 e 2008, com a obra *O verbo, o branco, o espaço e a escada das imagens*, o Prémio Nacional Cidade de Almada, com o livro *A sombra dos lugares*, o Prémio Cidade do Funchal 2011, com o livro *O cânone contínuo*, e o Concurso Literário Artefacto 2010, com a obra *O som e a casa* – e foi seleccionado para a Coletânea *Jovens Escritores* em 2008, 2009 e 2010. Publicado em 2020, – e traduzido

para o grego – na *Antologia de Jovens Poetas Portugueses* da editora grega εκδόσεις. Publicado na antologia de homenagem aos cem anos do nascimento do poeta Paul Celan *A Norte do Futuro*; publicado na *Antologia Refrações Camonianas em Poetas do Século XXI* do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra. Livros: *O cânone contínuo* (2013); *A sombra dos lugares* (2012); *O som e a casa* (2010); *Assim também um corpo* (2009). Site: <http://poems.bitcliq.com/category/luis-felicio/> . Publicará em junho de 2021 o seu quinto livro de poesia: *A noite a porta o sul*, na editora Exclamação.

Maria Helena Jesus

Maria Helena Jesus é investigadora doutorada na área da teoria da literatura e poesia do século XX. Membro do CLEPUL (Lisboa) e do CREPAL (Paris). Entre as suas publicações destacam-se “Ficção poética e cosmogénese: sobre o conhecimento, o desejo e a invenção de mundos possíveis” (2020), “Ética e Estética sobre a poesia após Auschwitz” (2018), “Sophia de Mello Breyner Andresen: Poética da Epifania e gnose do Absoluto” (2017), “De dieu qui vient au poème: António Ramos Rosa et l’épiphanie nu(l)e” (2015). Licenciada em Línguas e Literaturas modernas (variante português/francês) pela Universidade de Coimbra, Mestre e Doutora pela Universidade da Sorbonne-Nouvelle, Paris, a sua investigação esteve na origem da publicação *Regard sur la poésie portugaise contemporaine - Gnose et poétique de la nudité* das edições L’Harmattan (2014). Em paralelo, tem-se dedicado à tradução em diversas áreas. Participação ativa no projeto de tradução da correspondência entre Leibniz e Lady Masham (2010); tradução de uma obra de Rolf Kühn sobre Michel Henry integrado num projeto de fenomenologia francesa (2010); Membro da equipa de tradução especializada (filosofia e ciências sociais), IECCPMA (Instituto de ciências da cultura Padre Manuel Antunes) (2019, 2020)

RÉSUMÉS

Crise Pandémique : qui suis-je dans ce nouveau monde ?

Soraya Nour Sckell

La crise que nous connaissons aujourd'hui est le symptôme d'une pathologie grave. L'anamnèse nous révèle que cette crise n'est pas arrivée seulement hier d'un marché lointain, mais a des causes écologiques, sociales et politiques plus profondes. Le diagnostic : nous ne sommes pas tous touchés, aujourd'hui, de la même manière. Le pronostic : si nous continuons comme auparavant, de nouvelles pandémies ou d'autres risques mondiaux continueront de nous surprendre. Le remède est un changement radical de notre forme de vie. Mais comment ?

Des questions très anciennes sont aujourd'hui reposées et les réponses ne peuvent plus être les mêmes qu'avant : qui suis-je et qu'est-ce que je veux être ? Quelle est ma place, dans ma communauté, dans ma ville, dans mon pays, dans le monde, dans l'univers ? Dans quelle société est-ce que je vis et où va-t-elle ? Quelle part de ma liberté suis-je prêt à abandonner dans cette optique ? De quels comforts puis-je me priver, par solidarité ? Jusqu'où mes droits peuvent-ils être restreints, pour des raisons de sécurité ? Qui est protégé, « immunisé », mais qui est vulnérable, invisible, abandonné ? Quelles sont les valeurs mises en avant et quelles sont celles méprisées ? Quel est le bien commun, le bonheur, la peur, la vie et la mort ? Comment est ma vie actuellement, et comment je souhaite la vivre ? Telles sont les questions qui appellent chacun de nous à réfléchir à la manière dont nous pouvons assumer un rôle décisif dans la construction d'un nouveau monde, un monde différent de ce qu'il était auparavant – pour ne pas revenir à la « normalité ».

La pandémie, crise sanitaire, émerge d'une constellation multidimensionnelle d'autres crises, toutes interconnectées : crise écologique, crise économique, crise de l'État social et de la santé publique, crise du travail, crise sociale, crise de solidarité, crise politique et juridique.

Crise écologique

Le virus de l'Anthropocène ? Pour certains, la pandémie actuelle est un événement biologique, comme d'autres pandémies dans l'histoire. Pour d'autres, il s'agit d'un événement symbole de l'Anthropocène. La question est de savoir dans quelle mesure les pandémies peuvent être favorisées par l'interférence de l'Homme dans l'environnement (production animale industrielle, destruction d'écosystèmes et d'espèces sauvages, renforcement des bactéries par la consommation d'antibiotiques massive pour prévenir les infections des animaux, changement climatique qui conduit les espèces tropicales transmettant des pathogènes à trouver un habitat favorable dans les régions tempérées, etc). La nature que nous essayons de détruire résiste, « se venge », « nous fait payer la facture ». Quelle autre forme de vie et relation avec la « Terre Mère » est-il possible ?

Crise économique

Bruno Latour nous rappelle qu'il y a peu on jugeait impossible d'arrêter la production industrielle et la globalisation, mais la pandémie mondiale a paralysé les usines et les avions. Alors que certains demandent un retour à la production d'autres, comme lui, demandent une nouvelle forme de production, de consommation et de distribution des subventions et des financements. Comment réaliser cette transformation ? Quel rôle l'économie doit-elle jouer dans la société ? Comment contrôler l'économie de manière démocratique ?

Crise de l'état social et de la santé publique

« La mutation ». Le démantèlement de l'État-providence et la réforme de la santé publique sont pour de nombreux auteurs la cause principale des difficultés à réagir à la pandémie. Pendant des années, l'État a été accusé d'être inefficace face à un marché capable de tout réguler. Mais le marché est resté muet face à la pandémie. Plusieurs demandent le retour de l'État-providence, tandis que d'autres réclament, outre la protection publique des biens

et services essentiels - dont la santé - un modèle moins centralisé, et l'invention de nouvelles formes de communauté et de proximité pour la protection de ces biens – « le commun » (Balibar) – , ainsi qu'un système universel de protection de la santé. Quel État voulons-nous ? Quel modèle de protection de la santé voulons-nous dans cet État - ou au-delà ?

Crise du travail

Chômage, précarité, pauvreté. Certains considèrent que la pandémie, avec l'enfermement, a apporté chômage et précarité ; d'autres analysent que ce qui s'est passé a été, comme le dit Supiot, un « choc de la réalité ». Dans les pays développés, l'État social n'a pas été capable de répondre à la crise car il était déjà ébranlé dans ses trois piliers fondamentaux : le droit du travail, la sécurité sociale et les services publics de biens essentiels (santé, éducation, énergie, transport, etc.). Dans les pays en développement, l'augmentation de l'extrême pauvreté a eu des effets dévastateurs. Comment construire un droit du travail et une sécurité sociale qui « vaccine » la population contre la pauvreté, même dans des situations comme la crise pandémique ?

Crise sociale

« Les immunisés ». Vulnérabilité, discrimination, invisibilité. Le virus invisible frappe les invisibles de nos sociétés. Les victimes de la pandémie ont une classe sociale, une couleur, un âge, un sexe, une nationalité. Les agents productifs sont des patients prioritaires. Ceux qui étaient déjà abandonnés sont maintenant laissés de côté face au virus. En Europe, ce sont les personnes âgées, les personnes déjà malades, les sans-abri, les réfugiés. Outre l'augmentation incontrôlée de la violence domestique, les femmes ont été touchées par le chômage, par le travail en première ligne dans le milieu hospitalier, et par le télétravail cumulé avec des obligations familiales, de façon différente des hommes. Dans les pays pauvres et les zones de conflit, le virus décime toute une population pauvre sans possibilité d'isolement et d'accès aux traitements. Partout, dans la recherche des « coupables », la res-

ponsabilité est transférée à une altérité ou à ceux qui viennent « de l'étranger » en apportant le virus avec eux. Comment reconstruire le lien social d'une communauté véritablement cosmopolite ? Qu'est-ce que l'humanité ?

Crise de solidarité

La solidarité a une dimension sociale, politique et juridique. Dans sa dimension sociale, la solidarité s'exprime spontanément dans l'aide quotidienne entre voisins, parents et amis, ou de parfaits inconnus. La solidarité sociale va également au-delà du geste spontané, en s'organisant en associations civiles de toutes sortes, avec une dimension locale, nationale, européenne, transnationale et mondiale. Dans sa dimension politique, la solidarité s'exprime par des mesures d'aide entre États (financière, logistique, hospitalière, etc.). Dans sa dimension juridique, elle est à la base de la sécurité sociale et constitue un principe de l'Union européenne. Si la solidarité sociale a donné lieu à de magnifiques exemples durant la pandémie, et elle a montré la capacité des gens à s'unir et à réagir à toutes sortes de difficultés lorsque les institutions ont échoué, la solidarité politique et juridique a révélé sa fragilité. Si certains États sont profondément touchés, d'autres disposent de davantage de ressources pour faire face à la pandémie. Les connaissances, les possibilités d'essai, les médicaments, les traitements et les vaccins - qui devraient être des biens publics mondiaux - ont commencé à être disputés comme n'importe quelle autre « marchandise ». Les conflits entre certains pays s'aggravent, augmentant les tendances nationalistes, populistes, xénophobes, entre autres formes d'irrationalité, et limitant les possibilités d'une réaction internationale organisée. Comment reconstruire la solidarité dans toutes ses dimensions - sociale, politique et juridique, d'extension locale, régionale et mondiale - afin que la communauté internationale soit en mesure d'apporter une réponse concertée à des menaces mondiales comme celle-ci ?

Crise politique et juridique

État d'urgence, droits fondamentaux, protection des données.

Agamben a longtemps observé la tendance du scénario de la privation de libertés et de l'état d'exception comme paradigme de gouvernement. Le traitement de l'information atteint désormais un niveau de possibilités illimitées : nos signes vitaux, nos expressions faciales, nos déplacements, notre consommation, tout peut être contrôlé par une application qui n'a pas de secrets. La souveraineté, au sens classique, était exercée par le contrôle des frontières et sur un espace territorial ; à notre époque, elle est exercée par le contrôle des grandes données et dans un espace virtuel qui ne connaît pas de frontières. Dans quelle mesure la sécurité peut-elle prévaloir sur la vie privée et les droits fondamentaux ?

DIALOGUE 1

RAHEL JAEGGI & ESTELLE FERRARESE

Une forme de vie mis à l'épreuve ?

Rahel Jaeggi

La crise du coronavirus est la crise d'une forme de vie (la nôtre, notre forme de vie nettement capitaliste), ou du moins il pourra en être ainsi. À l'exemple de ce qui se passe généralement avec les crises, elles peuvent arriver directement de l'extérieur et être déclenchées par quelque chose qui échappe à notre pouvoir d'agir en tant que société. Elles peuvent être inaccessibles, inattendus et nous arriver de l'extérieur, comme l'apparition d'une nouvelle souche de virus. Mais il faut se demander si l'émergence de ces virus n'a pas un rapport quelconque avec la modification des équilibres écologiques. De tels événements naturels (naturels à première vue) peuvent aussi se transformer en crises de toute une forme de vie sociale, dans la mesure où ils rendent visibles les problèmes latents de celle-ci. Ce sont donc des crises de second ordre, des crises associées à des crises. Et celles-ci sont endogènes, en ce sens qu'elles n'affectent pas seulement notre ordre social, mais elles sont produites par ce même ordre social. La question de savoir comment nous vivons, comment nos structures sociales sont conçues, est ici décisive.

Crise de notre forme de *vie*, crise de notre *forme* de vie. La pandémie, l'individu et l'espèce

Estelle Ferrarese

Les discours politiques, médicaux, les mesures adoptées à coup de décret d'état d'exception assignent la forme du monde, et jusqu'à sa persistance, en tout cas pour ce qui est du monde humain, à ma responsabil-

ité individuelle, segmentée. C'est une résistance individuelle, segmentée, ordinaire qui tient lieu de réponse à la pandémie. Cette responsabilité, qui est d'abord exercice d'une abstention, sinon d'une abstinence – je bride ma respiration, mes mouvements, mes rencontres avec autrui – , opère de telle manière que les conduites individuelles se trouvent instituées en éléments causaux de l'épidémie. Car ici responsabilité veut aussi et surtout dire imputabilité. De cette manière la détermination du ou des véritables auteurs de la propagation de l'épidémie permet la mise en accusation, par l'Etat, de certains de ses sujets, et son propre dédouanement. Contre la centralité conférée, dans la crise actuelle, à la responsabilité, le retour à la vieille idée de solidarité constitue alors une voie particulièrement prometteuse.

BIOGRAPHIES

Rahel Jaeggi

Rahel Jaeggi est professeur de philosophie pratique avec une spécialisation en philosophie sociale (depuis 2009) et directeur du Center for Humanities and Social Change Berlin (depuis 2018) à l'Université Humboldt de Berlin. Ses principaux intérêts de recherche sont la philosophie sociale, la philosophie politique, l'éthique, l'anthropologie philosophique, l'ontologie sociale et la théorie critique. Elle a étudié la philosophie, l'histoire et la théologie à l'Université libre de Berlin (MA 1995) et à l'Université Goethe de Francfort-sur-le-Main (doctorat 2002, habilitation 2009). Elle a été assistante de recherche (1996-2001) puis assistante universitaire (2003-2009) à la Chaire de philosophie sociale / Prof. Axel Honneth, Institut de philosophie, Université Goethe de Francfort a. M., ainsi qu'assistante de recherche à l'Université de Saint-Gall / Suisse (2001-2002). Elle a été professeur invité à l'Université de Yale, New Haven / États-Unis (2002-2003) et à l'Université Fudan, Shanghai / RPC (septembre-octobre 2012). En tant que professeur Theodor Heuss, elle a enseigné à la New School for Social Research de New York au cours de l'année universitaire 2015-2016. De 2018 à 2019, elle a été membre de la School for Social Science de l'IAS à Princeton. Elle est l'auteur de *Capitalism - A Conversation in Critical Theory* (mit Nancy Fraser), Cambridge: Polity Press (2018); *Kritik von Lebensformen*, Berlin: Suhrkamp (2014); *Entfremdung – Zur Aktualität eines sozialphilosophischen Problems*, Berlin: Suhrkamp (2016); *Sozialphilosophie. Eine Einführung* (mit R. Celikates), München: Beck (2017); *Welt und Person - Zum anthropologischen Hintergrund der Gesellschaftskritik Hannah Arendts*, Berlin: Lukas Verlag (1997).

Estelle Ferrarese

Estelle Ferrarese est professeure de philosophie morale et politique à l'Université de Picardie Jules Verne. Elle a été professeure invitée à la New School for Social Research à New York, lauréate de la Fondation Alexander von Humboldt à la Humboldt Universität, chercheuse au Centre Marc Bloch à Berlin. Ses travaux portent sur la Théorie critique de l'Ecole de Francfort, les philosophies féministes, les formes de vie et la vulnérabilité. Elle est l'auteur de *Vulnerability and Critical Theory*, Leyden, Brill (Brill Research Perspectives in Critical Theory), 2018; *La fragilité du souci des autres. Adorno et le care*, Lyon, ENS éditions, 2018, 149 p. (Traduction en anglais, *Adorno and the Fragility of Caring for Others*, Edinburgh University Press, 2020); *Ethique et politique de l'espace public. Habermas et la discussion*, Paris, Vrin, 2015; *Niklas Luhmann, une introduction*, Paris, Pocket /La Découverte, 2007; (avec Sandra Laugier) *Formes de vie*, Paris, éditions du CNRS, 2018; *Qu'est-ce que lutter pour la reconnaissance ?* Lormont, 2013; Special issue « How Capitalism Forms our Lives » du *Journal for Cultural Research*, Volume 22, issue 2, 2018, co-dirigé avec Alyson Cole; Special issue « The Politics of Vulnerability » de *Critical Horizons*, vol. 17 (2), 2016; Numéro « Politique des formes de vie » de *Raisons Politiques*, 57, 2015, co-dirigé avec Sandra Laugier; Numéro thématique « Corps Vulnérables » des *Cahiers du genre*, 58, 2015, co-édité avec Sandra Laugier.

DIALOGUE 2

ROBIN CELIKATES & HOURYA BENTOUHAMI

« La solidarité dans la crise ». Réponse à Robin Celikates

Hourya Bentouhami

En abordant la question de la politique des frontières pour analyser la situation politique actuelle en Europe liée à la pandémie, Robin Celikates met en exergue l'impossible constitutif de la communauté européenne qui réactive sous d'autres modalités sa forme-nation pour se prémunir d'un danger qu'elle renvoie à l'extériorité de son soi, de son style de vie, y compris dans sa forme la plus simple, la plus nue. Or, le virus semble bien être le fait même des destructions des habitats des modes de vie, les déforestations dans ces ailleurs si familiers, anciens pays colonisés, terrains de jeux et d'extraction de la valeur dans un lointain ailleurs devenus de plus en plus dangereux alors même qu'ils sont nécessaires pour supporter le mode de vie européen pourtant *insupportable* : comment l'Europe fondée sur la forme-nation peut-elle s'auto-constituer comme un lieu d'indemnité, d'immunité, comme une sorte d'espace sacré où la vie doit être maintenue au prix de ces « extériorités » pourtant intérieures qui sont touchées de plein fouet par la pandémie et les politiques ordinaires de destruction de la vie ? Comment une politique ayant la conservation et la valorisation de la vie pour finalité peut devenir une politique ayant non seulement la maladie et la mort pour effet, mais également pour conditions ?

La solidarité dans la crise

Robin Celikates

La pandémie COVID-19 montre à quel point la précarité et la vulnérabilité sont inégalement réparties dans nos sociétés. Le travail acclamé comme « pertinent pour le système » est encore et toujours radicalement sous-payé, extrêmement précaire et de nature essentiellement migrante. L'effet catastrophique du Corona-Virus sur les groupes déjà marginalisés, persécutés et opprimés, tels que les communautés migratoires, est encore plus frappant dans le cas des réfugiés et des fugitifs, surtout aux frontières, sous une forme intensifiée par les frontières. Les frontières structurent la façon dont nous percevons le monde, qui raconte et quelles vies elles racontent, qui est digne d'être mentionné et quelles histoires sont dignes d'être mentionnées. Bien que - ou peut-être précisément parce qu'elles sont historiquement contingentes, souvent très récentes, qu'elles font partie d'une histoire sanglante et qu'elles sont essentielles à la préservation de privilèges colossaux, les frontières sont rendues naturelles, comprises comme une partie incontournable de la réalité : elles jouent un rôle constitutif de l'identité. En même temps, la frontière est aussi et toujours un champ de lutte, un lieu de conflit, de contestation et de négociation. Récemment, en période de pandémie, ces luttes nous confrontent plus que jamais de manière poignante à un choix entre la barbarie de l'isolement et le développement de nouvelles formes de solidarité transnationale. Mais comment penser à l'ampleur, à la durabilité et au pouvoir de pénétration de cette solidarité ?

BIOGRAPHIES

Robin Celikates

Robin Celikates est professeur de philosophie sociale à l'Université Libre de Berlin et directeur adjoint du Center for Humanities and Social Change Berlin. Il a enseigné pendant de nombreuses années à l'Université d'Amsterdam et il a été membre de l'Institute for Advanced Study de Princeton. Ses principaux intérêts de recherche se situent dans le domaine de la théorie critique. Il travaille actuellement principalement sur la désobéissance civile, la démocratie, la migration et le racisme. Il est coéditeur de *Critical Times: Interventions in Global Critical Theory* (<https://www.dukeupress.edu/critical-times>) et intervient régulièrement dans des débats publics dans les journaux, la radio et en ligne. Homepage : <https://fu-berlin.academia.edu/RobinCelikates>. Il est l'auteur de *Sozialphilosophie* (C. H. Beck 2017, avec Rahel Jaeggi), *Einführung in die Politische Philosophie* (Reclam 2013, avec Stefan Gosepath); *Kritik als soziale Praxis. Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie* (Campus 2009); *Analyzing Ideology* (Oxford University Press 2019, avec Haslanger Sally, Stanley Jason); *Transformations of Democracy. Crisis, Protest, and Legitimation. London: Rowman & Littlefield* (Rowman & Littlefield 2015, avec Regina Kreide et Tilo Wesche); *The Irregularization of Migration in Contemporary Europe: Detention, Deportation, Drowning* (Rowman & Littlefield 2015, avec Josst de Bloois et Yolande Jansen).

Hourya Bentouhami

Hourya Bentouhami est Maître de Conférence de philosophie à l'Université Toulouse II (France). Elle a publié de nombreux articles sur les

perspectives postcoloniales du féminisme et de la théorie politique, couvrant un large éventail de sujets tels que l'identité, la culture, la reconnaissance, la désobéissance, la mémoire de l'esclavage et la justice réparatrice. Elle a contribué aux débats publics sur la migration, les minorités et la discrimination, la visibilité raciale, le genre, le sexisme et le racisme. Elle a été professeur invitée à la Columbia University et co-coordinatrice du Programme Mémoire de l'Esclavage dans les Amériques (Toulouse). En 2012, elle a participé au documentaire *Notre monde*, de Thomas Lacoste, dans lequel elle évoque le travail de femmes d'origine étrangère, qui, selon elle, sont discréditées et rendues invisibles par le pouvoir politique. Auteure de *Le dépôt des armes. Non-violence et désobéissance civile* (Presses Universitaires de France, 2015); *Race, Cultures, Identités. Une approche féministe et postcoloniale* (PUF, 2015); *Critical Race Theory: une introduction aux grands textes fondateurs* (avec Mathias Möschel Dalloz, 2017); "Political Phenomenology of the Veil" (in *Race as Phenomena*, Rowman and Littlefield, 2019).

DIALOGUE 3

ETIENNE BALIBAR & FRIEDER OTTO WOLF

Entre l'Etat et le Commun : le service public

Etienne Balibar

Nous ne savons pas quand vont « s'arrêter » la pandémie et la crise sociale qu'elle engendre. Mais nous devons essayer de comprendre ce qui est en train de changer dans la signification des concepts politiques dont nous nous servons pour en affronter les conséquences. Dans l'immédiat, l'un des *maillons stratégiques* est constitué par la crise du *service public*. Les citoyens théoriquement « égaux en droits » ne le sont aujourd'hui ni devant la maladie ni devant les moyens mis en oeuvre pour en protéger la société. On peut donc dire que *le service public a détruit le commun*, et du même coup il *contredit l'universalité* qui constitue sa raison d'être. Et cependant il ne peut être purement et simplement aboli au profit d'institutions privées ou d'initiatives citoyennes autogérées. L'expérience que nous sommes en train de faire nous oblige donc à sortir des oppositions simplistes. Elle *autonomise la notion de service public*, et lui confère une conflictualité propre. Les médecins et autres personnels soignants ou hospitaliers, soutenus par l'opinion publique, ont produit un *effet de communauté* qui est profondément politique. Pour autant, il ne vise pas à *substituer le commun à l'Etat*. Il viserait plutôt à *imposer* à l'Etat de *servir le public*, en retirant de l'économie de marché les ressources nécessaires, puis en les mobilisant de façon rationnelle, sous un contrôle démocratique. Arbitre des conflits entre l'étatique et le commun, le service public est aussi l'enjeu de leur confrontation.

Le service public en tant que lieu et pratique des luttes sociales – un regard sur la constellation de crise actuelle

Frieder Otto Wolf

Le service public est un enjeu de luttes. Ceci à tous les niveaux : des plus superficiels – p.ex. budgétaires – aux plus profonds – p. ex. la lutte de classes. Et il y a une conflictualité propre et spécifique : l'universalité des règles, d'un côté, et l'adéquation aux nécessités de la situation concrète, de l'autre. Ceci est valable autant pour le public que pour l'étatique. Avec une différence d'accentuation : Dans l'étatique on a tendance à formaliser (et, pour ainsi dire, figer) l'universalité, dans le commun il y a une ouverture aux spécificités des situations singulières. Exprimé autrement, la politique dans sa forme étatique privilégie le droit, tandis que la politique dans sa forme communautaire met l'accent sur la justice/justesse des décisions prises. D'où un antagonisme latent dans la pratique politique concrète – qui peut nous mener à la question de comment surmonter l'opposition entre l'étatique et le commun (un écho lointain de la vieille question du dépérissement de l'État).

BIOGRAPHIES

Étienne Balibar

Étienne Balibar, l'un des théoriciens politiques les plus éminents de notre époque, il est titulaire de la Anniversary Chair de philosophie européenne moderne à l'Université de Kingston, à Londres, et professeur invité à l'Université de Columbia. Il est professeur émérite de philosophie morale et politique à l'Université de Paris X – Nanterre et professeur émérite de sciences humaines à l'Université de Californie, Irvine. Il a publié de nombreux articles dans les domaines de l'épistémologie, de la philosophie marxiste et de la philosophie morale et politique en général. Auteur de : *Lire le Capital* (com Louis Althusser, Pierre Macherey, Jacques Rancière, Roger Establet) (1965); *Cinq Etudes du Matérialisme Historique* (1974); *Sur La Dictature du Proletariat* (1976); *Race, Nation, Class. Ambiguous Identities* (Verso, 1991, com Immanuel Wallerstein); *Écrits pour Althusser* (1991) ; *Les Frontières De La Démocratie* (1992) ; *The Philosophy of Marx* (Verso 1995) ; *Droit de cité. Culture et politique en démocratie* (1998) ; *John Locke, Identité et différence - L'invention de la conscience* (1998) ; *Spinoza and politics* (Verso 1998) ; *Politics and the Other Scene* (2002) ; *We, the People of Europe? Reflections on Transnational Citizenship* (Princeton 2004) ; *Equality* (2014) ; *Violence and Civility. On the Limits of Political Philosophy* (Columbia University Press, 2015) ; *Citizen Subject. Foundations for Philosophical Anthropology* (Fordham University Press, 2017) ; *Secularism and Cosmopolitanism* (Columbia University Press 2018) and *On Universals. Constructing and Deconstructing Community* (Fordham University Press, 2020).

Frieder Otto Wolf

Frieder Otto Wolf est professeur honoraire de philosophie à l'Université libre de Berlin. Il a étudié la philosophie et les sciences politiques (à Kiel, Paris et Édimbourg) entre 1962 et 1966. De 1966 à 1981, il a enseigné et fait des recherches à l'Université de la Sarre, Sarrebruck, à l'Université libre de Berlin, à l'Université de Coimbra, Portugal, et au Centre des Sciences (Wissenschaftszentrum) à Berlin. Depuis 1973 il enseigne la philosophie à l'Université Libre de Berlin en tant que Privatdozent et depuis 2006 en tant que professeur honoraire. Il a représenté le Parti vert allemand au Parlement européen de 1984 à 1989, ainsi que de 1994 à 1999. Il est l'auteur de *Humanistische Interventionen* (Alibri, 2019) ; *Radikale Philosophie. Aufklärung und Befreiung in der neuen Zeit.* (2. éd. Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2019); *Rückkehr in die Zukunft – Krisen und Alternativen. Beiträge zur radikalen Philosophie* (Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2012) ; *Humanismus für das 21. Jahrhundert* (Humanistischer Verband Deutschlands, Landesverband Berlin, Berlin 2008) ; *Umwege. Der Tod der Philosophen und andere Vorgriffe* (2. éd, Berlin, 2008); *Welt ist Arbeit. Im Kampf um die neue Ordnung* (com Gerd Peter, Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2008) ; *Arbeitsglück. Untersuchungen zur Politik der Arbeit* (Lit Verlag, Münster 2005) ; *Um wege. Politische Theorie in der Krise des Marxismus* (SOAK-Verlag, Hannover 1983, Umwege, Berlin, 2009). *Die neue Wissenschaft des Thomas Hobbes*, 1969

DIALOGUE 4

GUNTER GEBAUER & DIOGO SARDINHA

Sur les effets de la crise de Corona sur le comportement et les émotions

Gunter Gebauer

En réaction à la crise de Corona, une série de profonds changements sont intervenus dans le comportement des citoyens allemands. Ceux-ci se manifestent par l'inhibition des mouvements, l'absence de contact, le rejet de la proximité et l'observation des autres personnes. Ainsi, une nouvelle expérience de l'étrangeté est apparue. Les sentiments corporels dans les interactions sont désormais marqués par l'insécurité et la suspicion. En conséquence, il est possible d'observer une régression dans l'intimité de la personne elle-même. Sur le plan philosophique, il est possible de désigner cela par une expression de Hannah Arendt : « être à la hauteur du monde ». Anthropologiquement, cela est bien décrit par le concept d'habitude de Pierre Bourdieu : les changements de comportement sont provoqués par des interventions dans l'habitude ; ils ont un effet immédiat sur le corps et modifient la sensation de soi. Dans la première phase des mesures préventives de la pandémie, d'avril à août, les règles de comportement et de vie publique ont été facilement intériorisées par les citoyens allemands. Depuis septembre, des groupes émergents de plus en plus agressifs ont commencé à se rebeller contre de telles mesures. Comment peut-on décrire cette résistance d'un point de vue anthropologique ? En quoi les protestants diffèrent-ils de la majorité de la population ?

L'épidémie comme production accélérée de vie nouvelle

Diogo Sardinha

Contrairement à ce que l'on pourrait penser, la pandémie n'est pas seulement un moment de suspension des activités et de ralentissement des rythmes – de l'économie, du travail, des voyages, de l'éducation, de la vie. C'est aussi et surtout un moment d'immense accélération de pratiques qui étaient déjà lentement en cours. On assiste à la généralisation du télétravail, au déplacement des personnes des centres urbains où elles travaillent vers des résidences hors de la ville, à la consécration de la vie devant les écrans, à la pénétration des hiérarchies professionnelles dans l'espace du foyer, jusqu'à présent majoritairement privé et même intime. Ces changements soudains et massifs, donc brutaux, sont rendus inévitables par les mesures restrictives adoptées dans les pays les plus divers. Il n'est donc pas surprenant que les marchés financiers internationaux connaissent des poussées permanentes : ils ne font qu'anticiper l'expansion qui résultera de ce nouveau monde hautement technologique, qui transformera les habitudes individuelles et collectives, produisant de nouveaux besoins que l'économie devra satisfaire. En même temps, comme le dit de bon droit Gunter Gebauer, le comportement de chacun par rapport aux autres et par rapport à lui-même change. Nous ressentons une vulnérabilité générale car nous pouvons tous être « touchés » par la maladie. C'est un « ennemi invisible » ; il semble « insidieux ». Nous ne savons pas si elle a « attaqué » « le nôtre » ou si nous faisons déjà partie de la « masse des personnes infectées ». Dans cette situation, nous ne savons pas si nous avons « besoin de protection ». Sans savoir quand nous sortirons de cette situation, les habitudes que nous prenons nous font penser que nous ne reviendrons pas rapidement à ce que nous étions jusqu'à récemment, ni dans nos relations avec les autres ni avec nous-mêmes. Là aussi, sur le plan anthropologique, la pandémie ne fait pas que ralentir les rythmes : elle produit des vies – distantes, suspectes, réservées – qui jusqu'à présent ne se sont pas généralisées à l'échelle de nos sociétés.

BIOGRAPHIES

Gunter Gebauer

Gunter Gebauer est professeur émérite de philosophie et de sociologie du sport à l'Université libre de Berlin. Il a été porte-parole du Centre interdisciplinaire d'anthropologie historique. Il est l'auteur de *Der Einzelne und sein gesellschaftliches Wissen. Untersuchungen zum Symbolischen Wissen*. Berlin/New York: De Gruyter 1981; *Historische Anthropologie* (avec D. Kamper/ D. Lenzen/ H.G. Mattenklott/ K.G. Wünsche). Reinbek: Rowohlt 1988; *Mimesis. Kultur – Kunst – Gesellschaft* (avec Ch. Wulf). Reinbek : Rowohlt 1992 ; traduction en anglais : *Mimesis: Culture – Art – Society* (avec Ch. Wulf). Berkeley/Los Angeles : University Press of California 1995 ; traduction en français : *Mimésis. Culture–Art–Société* (avec Christoph Wulf) Paris : Les Éditions du Cerf 2005 ; *Spiel – Ritual – Geste. Das Mimetische in der sozialen Welt* (avec Ch. Wulf). Reinbek : Rowohlt 1998 ; traduction en français : *Jeux, Rituels. Gestes. Les fondements mimétiques de l'action sociale*. Paris : Anthropos 2004 ; *Wittgensteins anthropologisches Denken*. München: C.H. Beck 2009; *Ludwig Wittgenstein. Im Fluss des Lebens und der Sprache*. Lu par Ulrich Matthes et Gunter Gebauer (Hörbuch, Onomato Verlag, 2011). *Von der Emotion zur Sprache. Wie wir lernen, über Gefühle zu sprechen* (avec Manfred Holodynski, Stefan Koelsch, Christian von Scheve), Weilerswist, Velbrück 2017 ; *Vom Sog der Massen und der neuen Macht der Einzelnen* (avec Sven Rucker), DVA/Random House, München 2019.

Diogo Sardinha

Diogo Sardinha a étudié la philosophie à l'Université de Lisbonne

et à Paris Nanterre (sous la direction d'Étienne Balibar), avant d'obtenir l'Habilitation à l'Université de Paris 8 Vincennes Saint-Denis. Il a été chercheur invité au département de philosophie de l'Université catholique de São Paulo, au Centre de recherche franco-allemand Marc Bloch pour les sciences sociales à Berlin, au département de philosophie de l'Université Libre de Berlin (sous la supervision de Gunter Gebauer) et à l'Institut de littérature comparée et Société – ICLS de la Columbia University à New York. En 2010, il devient membre du Collège International de Philosophie de Paris pendant six ans, coordonnant le programme de recherche Violence et Politique. De 2013 à 2016, il a été président du même Collège international et le premier non-français à occuper ce poste depuis sa fondation en 1983 par un groupe de penseurs dirigé par Jacques Derrida. Il a publié et édité des livres et des numéros de revues scientifiques sur Kant, Foucault et Deleuze, entre autres. Avec Bertrand Ogilvie et Frieder Otto Wolf, il a co-édité un livre sur l'Europe. Ses principaux intérêts incluent l'histoire, la politique et l'anthropologie, centrés sur la philosophie allemande de Kant et la philosophie française du XXe siècle. Il est actuellement chercheur au Centre de Philosophie de l'Université de Lisbonne. Son livre le plus récent (2019) a été publié à São Paulo sous le titre *A Tirania dos Poderes Coniventes: o Brasil na Conjuntura* (*La tyrannie des puissances complices : le Brésil dans la conjoncture*).

DIALOGUE 5

JULIAN NIDA-RÜMELIN & SERGE TISSERON

Aspets du risque éthique et politique dans la crise du Coronavirus

Julian Nida-Rümelin

Le risque appartient à la vie. Nous nous sommes habitués à ce que l'on appelle les « risques de la vie en général ». Ces risques sont, tout au plus, influencés par le comportement de l'individu, mais rarement par l'intervention de l'État. De nouveaux risques, comme l'actuelle pandémie de Corona, confrontent l'État et la société à des défis majeurs, qui ne peuvent être relevés que s'ils sont guidés par une pratique rationnelle, éthique et légalement admissible en matière de risques. L'orateur établira un pont entre l'éthique philosophique, le droit, l'économie et la politique afin de fournir des orientations dans le cadre de la crise.

« Aspets du risque éthique et politique dans la crise du Coronavirus ». Réponse à Julian Nida-Rümelin

Serge Tisseron

La pandémie COVID-19 a mis au-devant de la scène médiatique des questions éthiques fondamentales, notamment par ses implications sur les priorités de santé et l'équilibre à trouver entre sécurité et libertés. Mais elle a constitué aussi pour beaucoup un choc traumatique, au point qu'elle constitue aussi aujourd'hui une crise psychique.

Un traumatisme est un phénomène d'effraction du psychisme et de débordement de ses défenses par des menaces sur la vie ou l'intégrité physique ou psychique. Or cette épidémie a imposé brutalement quatre formes d'angoisse jamais réunies : l'angoisse de mort physique, de mort sociale, de mort psychique et même l'angoisse de disparition de l'espèce humaine, agitée par certains collapsologues. Ces quatre formes d'angoisses ont été en outre majorées par les maladresses du gouvernement qui a massivement ignoré l'importance du lien social pour la santé psychique, avec des conséquences sur les trois piliers sur lesquels l'identité de chacun est bâtie : l'estime de soi, la certitude d'aimer d'être aimé, et la capacité de se sentir reconnu et intégré dans sa communauté. Le stress post traumatique qui en a résulté a engendré une hausse considérable de la consommation d'anxiolytiques et d'antidépresseurs, mais aussi provoqué diverses formes de déni qui ont en commun d'affirmer la prééminence du lien social sur toute autre considération. Ce sont ces dénis auxquels nous avons affaire aujourd'hui, à un moment où il est plus important que jamais d'aborder une seconde vague de Covid avec la plus grande lucidité pour affronter les questions éthiques majeures qu'elle pose.

BIOGRAPHIES

Julian Nida-Rümelin

Julian Nida-Rümelin est considéré comme l'un des philosophes les plus renommés d'Allemagne et enseigne la philosophie et la théorie politique à l'Université Ludwig Maximilians de Munich. En tant que ministre d'État à la Culture et aux Médias, il a été membre du premier cabinet de Schröder. Il est membre de l'Académie des sciences de Berlin et de l'Académie européenne des sciences, directeur de l'Institut bavarois pour la transformation numérique (bidt). En 2016, le gouvernement bavarois lui a décerné la Médaille pour mérites spéciaux à la Bavière dans une Europe unie. En 2019, il a reçu l'Ordre du mérite bavarois. Il est membre du Conseil d'éthique allemand depuis mai 2020. Son livre *Die Optimierungsfalle. Philosophie einer humanen Ökonomie* (Le piège de l'optimisation. La philosophie d'une économie humaine) repose sur une théorie de la rationalité pratique à l'interface entre économie, théorie des jeux et philosophie. Il prône un renouveau de l'humanisme philosophique et politique (*Humanistische Reflexionen*, Suhrkamp, 2016), traite des principes d'une pratique éducative humaine et diversifiée, et aussi de l'éthique de la migration (*Über Grenzen denken*), Edition Körber 2017). Son livre *Digitaler Humanismus: Eine Ethik für das Zeitalter der künstlichen Intelligenz* a reçu le prix Bruno Kreisky en Autriche pour le meilleur livre politique de l'année. Auteur aussi de *Die gefährdete Rationalität der Demokratie* (*La rationalité menacée de la démocratie*, Édition Körber 2020).

Serge Tisseron

Serge Tisseron est psychiatre, membre de l'Académie des technolo-

gies docteur en psychologie, membre du conseil scientifique du CRPMS, Université de Paris. Il a publié une quarantaine d'essais personnels, notamment sur les secrets de famille et nos relations aux images, traduits dans douze langues, et plus de 200 articles. Il travaille notamment sur la façon dont nos technologies nous transforment. Il a fondé 4 associations : Trois, Six, Neuf, Douze (<http://3-6-9-12.org>) pour accompagner les parents dans leurs tâches éducatives autour des écrans; L'Institut Pour l'Etude des Relations Homme-Robots (<http://IERHR.com>) pour étudier les relations entre les hommes et les machines; Développer l'empathie par le Jeu des Trois Figures (<http://3figures.org>) pour développer l'empathie de la maternelle au collègue, en utilisant une activité théâtrale qu'il a fondée et qui a reçu un agrément de l'Education Nationale; L'Institut pour l'Histoire et la Mémoire des Catastrophes (<http://memoiresdescatastrophes.org>) créé en 2008 en lien avec le Ministère de l'Ecologie, du Développement Durable et de l'Energie (MEDDE) pour contribuer à la résilience sociétale face aux catastrophes en s'appuyant sur les mémoires individuelles et collectives. Il a reçu en 2002 Le Prix du livre de télévision, en 2004 le prix Stassart de l'Académie des sciences morales et politiques, et en 2013, à Washington, un Award du Family Online Safety Institute (FOSI) « for outstanding achievement ». Il a été co rédacteur de l'avis de l'Académie des sciences L'Enfant et les écrans (2013). Son site : <http://www.sergetisseron.com>

DIALOGUE 6

ALEXEI GRINBAUM & ARMIN GRUNWALD

Le traçage numérique : pour ou contre ?

Alexei Grinbaum

En insistant sur l'implication des smartphones dans la préservation de la santé des citoyens, la politique envahit la cité numérique. En Grèce antique, un homme politique célèbre lançait à l'envahisseur perse : *molon labe*, viens prendre. Le virus a répondu à l'appel, mais où se situent nos Thermopyles éthiques ? Lors de la dernière épidémie de peste à Marseille en 1720, on utilisait les meilleurs moyens techniques disponibles à l'époque, les fusils, pour tirer sur les gens qui tentaient de quitter la zone rouge. Nous en avons aujourd'hui d'autres, pour la surveillance des déplacements. Le débat autour du traçage numérique à travers les smartphones fait rage. Devons-nous y recourir ? Si oui, sous quelles modalités ? Servira-t-il à contenir la propagation de la pandémie ?

« Le traçage numérique : pour ou contre ? ». Réponse à Alexei Grinbaum

Armin Grunwald

On peut se demander si le traçage numérique des contacts par Covid-19 est éthiquement responsable et opportun. Sous un contrôle démocratique strict, je considère qu'il est légitime de reporter la protection des données pour une durée limitée en faveur de l'objectif de santé. Toutefois, l'introduction politique des applications d'alerte (Warn-apps) a été moins caractérisée par un examen attentif des arguments que par un enthousiasme

général pour les possibilités numériques. On constate ici une réflexion largement répandue dans les sociétés modernes, à savoir, que dans les situations d'urgence, en particulier celles qui présentent un degré élevé d'insécurité, des solutions technologiques sont utilisées. Il est clair qu'elles ont un effet calmant et promettent la sécurité. Cependant, la croyance dans la technologie, évidente lors de la pandémie de Covid-19, a échoué comme dans tant de situations précédentes similaires. Empiriquement considéré, la situation est déprimante : en été, les demandes sont introduites en Allemagne et en France avec de grands espoirs, et pourtant depuis l'automne, le nombre de personnes infectées a augmenté de façon spectaculaire. Il est ainsi démontré que la croyance naïve dans la technologie est aussi peu utile à la pandémie qu'à la résolution d'autres problèmes. Tout dépend, encore et toujours, de la coopération entre la technologie et les êtres humains. Ces derniers sont le facteur décisif, la technologie numérique n'est pas le salut de la pandémie, mais seulement une composante parmi d'autres – finalement encore plus insignifiante que les autres.

BIOGRAPHIES

Alexei Grinbaum

Alexei Grinbaum est physicien et philosophe. Après des études à l'Université de Saint-Pétersbourg et à l'École Polytechnique, il soutient une thèse sur le rôle de l'information en théorie quantique. Depuis, il explore les fondements de la physique avec un intérêt pour les questions éthiques des nouvelles technologies. Il est actuellement chercheur au laboratoire LAR-SIM du CEA-Saclay. Il s'intéresse aux questions éthiques et sociales des nouvelles technologies, en particulier des nanosciences et des nanotechnologies. Il étudie les incertitudes du progrès technique et leur impact sur la gouvernance, l'application du principe de précaution et la perception des innovations technologiques par le public. Ses publications sont également dédiées aux grands récits technologiques et à l'analyse de la responsabilité des chercheurs. Il applique les concepts anthropologiques afin de comprendre la fonction des images des nanoobjets. Ses recherches plus récentes portent sur les questions éthiques de la biologie de synthèse, notamment la notion de vie dans le contexte éthique et historique. Il a été coordinateur pour la France du projet « Observatoire européen des nanotechnologies » et a contribué au Toolkit for Ethical Reflection and Communication on Nanotechnology. Il est membre de la Cerna (Commission de réflexion sur l'éthique de la recherche en sciences et technologies du numérique) d'Allistene. Il a publié récemment *Mécanique des étreintes* (Encre Marine, 2014) et *Les robots et le mal* (Desclée de Brouwer, 2019).

Armin Grundwald

Armin Grundwald a étudié la physique, les mathématiques et la philosophie. Il a obtenu son doctorat (Dr. rer. nat.) de l'Université de Cologne en 1987. Il a fait l'Habilitation avec *venia legendi* en philosophie en 1998 à l'Université de Marburg. Il a travaillé dans l'industrie (Software Engineering, 1987-1991), au Centre aérospatial allemand (1991-1995) et en tant que directeur adjoint de l'Académie européenne pour l'étude des conséquences du développement scientifique et technique (1996-1999). Depuis 1999, il dirige l'Institut d'évaluation des technologies et d'analyse des systèmes (ITAS) à l'Institut de technologie de Karlsruhe (KIT). Depuis 2002, il dirige également le bureau d'évaluation technologique du Bundestag allemand (TAB). Depuis 2007, il est également professeur d'éthique et de philosophie de la technologie au KIT. Il est membre de l'Académie allemande des sciences technologiques (Acatech) depuis 2009 et membre de la présidence d'Acatech depuis 2014. Il a été membre de la Commission des dépôts géologiques profonds (pour les déchets toxiques ou radioactifs) du Bundestag allemand de 2014 à 2016. Il a été membre de la Commission d'éthique de la Conduction Autonome et en Réseau par le Ministère Fédéral des Transports en 2016/2017. Il est président du Comité national de soutien à la recherche de dépôts géologiques profonds depuis 2020. Ses domaines de travail sont : Théorie et méthodologie de l'évaluation technologique, philosophie technologique, éthique technologique, développement durable. Auteur de *Der unterlegene Mensch. Zur Zukunft der Menschheit angesichts von Algorithmen, Robotik und Künstlicher Intelligenz* (Riva, 2018) (*L'homme inférieur. Sur l'avenir de l'humanité face aux algorithmes, à la robotique et à l'intelligence artificielle*).

DIALOGUE 7

ALICE CASAGRANDE & OLIVER SCHLAUDT

La colère d'Achille. Pourquoi parler de guerre contre le coronavirus défigure le soin ?

Alice Casagrande

Que traduit le recours à la figure de style de la guerre, qui a certes été déployée à des fins politiques, mais dont la popularité signale sans doute une résonance avec des dimensions profondes de nos représentations collectives ? Elle met à jour de manière insistante notre difficulté à penser la mobilisation des hommes pour un motif altruiste et courageux. Cette mobilisation individuelle et collective se produit lorsque les peuples se témoignent spontanément les uns envers les autres des marques de solidarité dans l'épreuve.

« La colère d'Achille ». Réponse à Alice Casagrande

Oliver Schlaudt

Avec cette invisibilité des soins analysée par Alice Casagrande, nous parlons cependant presque d'une caractéristique universelle du travail de soins qui s'applique non seulement à notre société actuelle mais à plusieurs périodes historiques et peut-être à de nombreuses sociétés. Il en va de même pour le contraste entre le soin et la guerre, qu'Alice Casagrande souligne à juste titre, mais qui n'est pas caractéristique de notre époque. C'est pourquoi il me semble important de rappeler le contexte politique exact de la crise de Corona. Et c'est là que nos deux analyses se rejoignent. Le néolibéralisme est une doctrine sociale qui nie les fondements élémentaires de la société.

Dans la crise de Corona et le discours maladroit sur la guerre, c'est justement cette contradiction qui devient évidente.

BIOGRAPHIES

Alice Casagrande

Diplômée de l’institut d’études politiques de Paris, de l’université de Cambridge et titulaire d’une maîtrise et d’un DEA de philosophie éthique, Alice Casagrande s’est spécialisée dans les questions d’éthique et de lutte contre la maltraitance des publics vulnérables. Elle est aujourd’hui Présidente de la Commission Nationale Prévention de la maltraitance, promotion de la bientraitance des personnes âgées et des personnes handicapées. Depuis octobre 2014, elle est directrice formation, innovation vie associative à la Fehap, Fédération des établissements hospitaliers et d’aide à la personne privés à but non lucratif. Elle a été partie prenante de deux missions publiques sur le grand âge : la concertation grand âge et autonomie, puis la mission de Myriam El Khomri sur les métiers. Elle enseigne l’éthique et le management à l’université Paris Dauphine et au sein de l’espace éthique Ile-de-France, et elle intervient sur le sujet de la prévention de la maltraitance au sein de l’Ecole des Hautes études en Santé Publique. Elle est enfin présidente du comité d’éthique du groupement hospitalier Kremlin-Bicêtre (AP-HP) et depuis Février 2019, de membre de la commission indépendante d’investigation des abus sexuels dans l’Eglise (CIASE). Elle est l’auteur de nombreux articles et de plusieurs ouvrages : *Questions d’éthique autour du donneur vivant* (2007), *Vieillir en institution* (2008), *Ce que la maltraitance nous enseigne* (2012), *Ethique et Management du soin et de l’accompagnement* (dir., 2016).

Oliver Schlaudt

Oliver Schlaudt enseigne au Département de philosophie de l’Uni-

versité de Heidelberg. Il a étudié la physique, puis a fait son doctorat et l'habilitation en philosophie. Il enseigne la philosophie à l'Université de Heidelberg, à l'UCF de Fribourg et à SciencesPo Paris (campus de Nancy). L'un des axes de ses recherches est la production et l'utilisation de nombres dans la science et le discours public. Son dernier livre, *Die politischen Zahlen. Über Quantifizierung im Neoliberalismus* (Les chiffres politiques. À propos de la quantification dans le néolibéralisme, Frankfurt a.M. : Klostermann, 2018), décrit comment les chiffres sont utilisés pour créer l'illusion d'objectivité, bien qu'en réalité ils véhiculent un message politique caché. Il est l'auteur de *Wirtschaft im Kontext. Eine Einführung in die Philosophie der Wirtschaftswissenschaften in Zeiten des Umbruchs* (Rote Reihe 85. Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M. 2016); *Was ist empirische Wahrheit? Pragmatische Wahrheitstheorien zwischen Kritizismus und Naturalismus* (Philosophische Abhandlungen Bd 107. Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M. 2014); *Messung als konkrete Handlung. Eine kritische Untersuchung über die Grundlagen der Bildung quantitativer Begriffe in den Naturwissenschaften* (Königshausen und Neumann, Würzburg 2009); *Afred Sohn-Rethel (1899-1990). Controverses autour d'un philosophe matérialiste / Kontroversen um einen materialistischen Philosophen* (avec Françoise Willmann, Recherches germaniques, hors-série no. 15 / 2020, Presses Universitaires de Strasbourg).

DIALOGUE 8

*ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO &
CRISTINA VIANO*

Pandémie et apocalypse

António de Castro Caeiro

Ce que la pandémie apporte, ce n'est pas seulement la maladie propagée par le poison du virus. La pandémie nous fait réfléchir. Elle révèle ce que nous sommes, ce que nous sommes et ce que nous avons été. Elle jette le doute sur ce que sera notre avenir. Ce qui arrive à l'homme ne se réduit jamais à une explication scientifique plausible. La situation actuelle nous ouvre à une dimension dans laquelle l'urgence ressentie est d'une pression énorme. L'escalade de la violence dans la pandémie est sans précédent. La pandémie révèle l'exposition totale de l'humanité à la maladie et à la mort. Le diagnostic de la situation concrète dans laquelle chacun de nous se trouve n'est jamais épuisé par l'examen actuel des symptômes. Le diagnostic est fait en vue d'un pronostic, dans toutes les activités humaines. La pandémie nous fait réfléchir, non pas de manière abstraite, mais de manière concrète, non seulement au présent, mais aussi au passé, à la façon dont nous vivons et avons vécu la vie. Et il nous donne la possibilité de revoir notre façon d'être : vivre la vie dans son ensemble, anticiper l'avenir, chercher à savoir comment elle sera. C'est à partir d'une évaluation totale que nous sommes obligés, faite de l'intérieur de nous-mêmes et de la réalité qui se révèle si problématique qu'un pronostic peut être ouvert. Un pronostic qui non seulement guérit une maladie aux contours pandémiques, mais qui apporte aussi une possibilité qui s'ouvre tout simplement, qui rend possible un mode de vie nouveau et radical.

« Pandémie et apocalypse ». Réponse à António de Castro Caeiro

Cristina Viano

«No man is an island entire of itself; every man
is a piece of the continent, a part of the main»

John Donne, *MEDITATION XVII Devotions
upon Emergent Occasions*

Dans son beau texte, António de Castro Caeiro associe la pandémie à l'apocalypse, non seulement dans le sens biblique immédiat qu'on lui donne, de « fin du monde », de catastrophe planétaire, mais aussi, et surtout, dans le sens propre du terme grec de « révélation », qui frappe l'individu de plein fouet dans sa dimension temporaire et temporelle. Caeiro montre bien comment la situation présente, dangereuse et inédite, constitue un point d'ancrage historique dans le flux de la vie qui oblige l'individu à réfléchir sur son passé et à se projeter dans le futur, en connectant les fins et les moyens pour s'adapter à une (sur)vie nouvelle. Un aspect fondamental de la pandémie est sa dimension collective et interrelationnelle : en effet le terme grec désigne « une communauté humaine dans son ensemble ». En reprenant les célèbres et lucides pages de Thucydide sur la peste d'Athènes, au Ve s. av. J.-C., j'aimerais bien discuter avec mon interlocuteur de trois aspects avec lesquels la nouvelle humanité devra se confronter : les rapports humains, la recherche et la découverte des causes et la capacité de l'intelligence pratique d'adapter les principes appris aux circonstances présentes.

BIOGRAPHIES

António de Castro Caeiro

António de Castro Caeiro est professeur de philosophie à la Faculté des sciences sociales et humaines de l'Université NOVA de Lisbonne (FCSH / UNL), membre de l'Institut de philosophie NOVA (IFILNOVA), essayiste et traducteur. Il a obtenu un doctorat en philosophie ancienne avec la thèse « Areté comme possibilité extrême de l'humain, phénoménologie de la praxis chez Platon et Aristote » (1998), par la Faculté des sciences sociales et humaines (FCSH) de l'Université NOVA de Lisbonne (UNL). Il enseigne à la FCSH depuis 1990, se consacrant à la philosophie ancienne et à la philosophie contemporaine. Il a été chercheur invité à l'Université de São Paulo, à l'USF (Floride) et au Oriel College (Oxford). Il écrit chaque semaine pour le journal *Today Macau*. Il a présenté l'émission télévisée sur la philosophie «É Um Clássico» (C'est un classique) sur RTP. Il a publié chez Cambridge: «Reflections on Everyday Life» (2019). Il a traduit du grec les *Odes Pour les Vainqueurs* (Quetzal, 2010) et les *Odes Olympiques* (Abysmo, 2017) de Pindare. D'Aristote, il a traduit *Les Fragments de Dialogues et Œuvres d'Exhortation* (INCM, 2014), *Les Constitutions Perdues d'Aristote* (Abysmo, 2019) et *l'Éthique à Nicomaque* (Atlas 2009). Il a aussi publié les essais «São Paulo : apocalipse et conversão» (Aletheia, 2014) et «Um Dia Não São Dias» (Abysmo, 2017). Il est l'auteur de *Por si próprio, com base em Max Scheler* (Par soi-même, fondé sur Max Scheler) (2010).

Cristina Viano

Cristina Viano est directrice de recherche au CNRS, au Centre Léon Robin (UMR 8061), Sorbonne Université. Spécialiste de la philosophie an-

tique, elle s'intéresse principalement à la philosophie d'Aristote, à la théorie des émotions dans les rapports humains et dans les relations politiques, à la notion de causalité, aux théories anciennes de la matière et à l'alchimie gréco-alexandrine. Elle a effectué de nombreux séjours d'étude à l'étranger, en particulier à Cambridge, à Édimbourg et à Oxford. Elle a enseigné comme *visiting professor* dans les Universités de Venise, de São Paulo, de Santiago (Chili), de México et de Jinan (Shandong, Chine). Elle a dirigé un projet international intitulé : « *AITIA/AITIAI*. Le lien causal dans le monde antique : origines, formes et transformations » (2014-2017) et dirige actuellement un projet de coopération franco-brésilienne avec l'USP de São Paulo, intitulé « L'individu et la cité : rapports humains et relations politiques chez Aristote et à son époque » (2020-2021). Parmi ses publications : *La matière des choses. le livre IV des Météorologiques d'Aristote et son interprétation par Olympiodore* (Paris, Vrin, 2006); en coédition avec C. Natali et M. Zingano, *AITIA I. Les quatre causes d'Aristote : origines et interprétations* (Louvain, Peeters, 2013); en coédition avec F. Masi et S. Maso, *ÉTHIKÉ THEÔRIA. Studi sull'Etica Nicomachea in onore di Carlo Natali* (Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2019); *Aristotele, Retorica*, trad., introd. et notes (Bari, Laterza, à paraître).

TRADUCTEURS

Dirk Michael Hennrich

Dirk Michael Hennrich est chercheur dans le domaine de la philosophie de la nature et de l'environnement à la Faculté des lettres de l'Université de Lisbonne. Membre intégré du Centre de Philosophie de l'Université de Lisbonne (CFUL) avec un intérêt particulier pour les domaines de recherche suivants : philosophie du paysage (<https://philosophyoflandscape.com/>), philosophie des médias, idéalisme allemand, préromantisme allemand, philosophie au Portugal et au Brésil. Il a été boursier postdoctoral de la Fondation pour la science et la technologie (FCT) de 2015 à 2019 et chercheur en culture portugaise de la Fondation Calouste Gulbenkian (FCG) en 2014-2015. En 2014, il a achevé son doctorat avec une thèse sur la question de l'identité européenne dans l'interstice entre la philosophie et la poésie au Département de philosophie de l'Université de Lisbonne, financé par une bourse de doctorat de la Fondation pour la science et la technologie (FCT) entre 2009 et 2013. Il a obtenu sa maîtrise en philosophie, littérature allemande et histoire en 2003 à l'Université de Bâle/Suisse avec un travail sur Vilém Flusser et Jacques Derrida et la question de l'écriture à l'époque des images techniques. En 1997/98, il a été boursier Erasmus à la Faculté des Lettres de l'Université de Lisbonne. Ses publications comprennent des articles journalistiques, des essais universitaires, des nouvelles et des poèmes écrits en allemand, en portugais et en anglais.

Fernando Manuel Ferreira da Silva

Boursier post-doctoral et membre du Centre de Philosophie de l'Université de Lisbonne. Doctorat en 2016, sur la critique de l'identité dans le *Fichte-Studien* de Novalis. Coordinateur du groupe de recherche Kant et de

l'idéalisme allemand, CFUL. Principaux domaines de recherche : esthétique et anthropologie kantienne, idéalisme et romantisme allemands, chez des auteurs tels que Baumgarten, Fichte, Novalis, Fr. Schlegel et Hölderlin, ayant publié et traduit plusieurs d'entre eux. Principales publications : « 'The poem of the understanding is philosophy'. Novalis and the art of self-critique », bei Mimesis Verlag, Allemagne (sous presse) ; « Kant's Concept of Poetry and the Anthropological Revolution of Human Imagination, » dans Lorini G., Louden R. (eds) *Knowledge, Morals and Practice in Kant's Anthropology*. Palgrave Macmillan, UK, pp. 117-132 ; « 'Dementia is a fiction'. Kant on the mental disturbances of the human soul » , in Tijdschrift voor Filosofie, KU Leuven, Belgique, vol. 81, numéro 4, 2020, p. 657-680 ; « Baumgarten and the problem of obscure representations », in Daimon - Revista Internacional de Filosofia, Murcia, Espagne, no. 79, 2020, pp. 101-116 ; « Um 'secreto procedimento da alma dos homens': Kant sobre o problema das representações obscura », in *Con-textos Kantianos*, Universidad Complutense de Madrid, no. 5, juin 2017, pp. 190-215.

Luís Felício

Poète, né à Tavira, il vit à Paris. Il a étudié l'histoire de l'art et la philosophie à la Faculté des lettres de l'université de Lisbonne et à l'Université Paris VIII, a été co-rédacteur en chef et codirecteur de la revue littéraire *Cràse*. Il a publié des textes, sous le pseudonyme de Ruy Narval, dans la revue *Sin_ismo : projecto imaginário e heteroutópico* (*Sin_ismo : projet imaginaire et hétéroutopique*), de la Faculté des lettres de Porto, et dans DN Jovem (depuis 2002). Il a reçu plusieurs distinctions littéraires – il a remporté le Concours du jeune créateur, organisé par C. M. de Aveiro, en 2007 et 2008, avec l'œuvre *O verbo, o branco, o espaço e a escada das imagens* (*Le verbe, le blanc, l'espace et l'escalier des images*), le Prix National Ville d'Almada, avec le livre *A sombra dos lugares* (*L'ombre des lieux*), le Prix Ville de Funchal 2011, avec le livre *O cânone contínuo* (*Le canon continu*),

et le Concours littéraire Artefacto 2010, avec l'œuvre *O som e a casa* (*Le son e la maison*) – et a été sélectionné pour le *Recueil des jeunes écrivains* en 2008, 2009 et 2010. Publié en 2020, – et traduit en grec – chez Antologia de jovens poetas portuguesas (Anthologie des jeunes poètes portugais) chez l'éditeur grec εκδόσεις. Publié dans l'anthologie en l'honneur du centième anniversaire de la naissance du poète Paul Celan *A Norte do Futuro* ; publié dans l' *Antologia Refracções camonianas em Poetas do Século XXI* (Anthologie Réfractions Camoniennes chez les poètes du 21^e siècle) du Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra. Ouvrages : *O cânone contínuo* (*Le canon continu*, 2013) ; *A sombra dos lugares* (*L'ombre des lieux*, 2012) ; *O som e a casa* (*Le son et la maison*, 2010) ; *Assim também um corpo* (*Ainsi aussi un corps*, 2009) ; Site web : <http://poems.bitcliq.com/category/luis-felicio/> . En juin 2021, il publiera son cinquième recueil de poésie, *A noite a porta o sul* (*La nuit, la porte, le sud*), chez l'éditeur Exclamação.

Maria Helena Jesus

Maria Helena Jesus est chercheuse, titulaire d'un Doctorat en Théorie et poésie portugaise du XXe siècle. Elle est membre des groupes de recherche CREPAL (Paris) et CLEPUL (Lisbonne). Parmi ses publications, nous trouvons « Fiction poétique et cosmogénèse : sur la connaissance, le désir et l'invention des mondes possibles » (2020), « Éthique et Esthétique sur la poésie après Auschwitz » (2018), « Sophia de Mello Breyner Andresen : Poétique de l'Épiphanie et gnose de l'absolu » (2017), « De dieu qui vient au poème : António Ramos Rosa et l'épiphanie nu(l)e » (2015). Titulaire d'une Licence en Lettres modernes (portugais/français) à l'Université de Coimbra, puis Maîtrise, DEA et Doctorat à Paris, Université de la Sorbonne-Nouvelle, sa recherche doctorale est à l'origine de la publication du livre *Regard sur la poésie portugaise contemporaine – Gnose et poétique de la nudité* chez l'Harmattan (2014). En outre, elle se voue à la traduction

dans différents domaines, portant un intérêt tout particulier aux Sciences humaines et sociales. Participation active au projet de traduction de la correspondance entre Leibniz et Lady Masham (2010) ; traduction d'une œuvre de Rolf Kühn sur Michel Henri, intégré dans un projet de phénoménologie française (2010) ; Membre de l'équipe de traduction spécialisée (philosophie et sciences sociales), IECCPMA (Instituto de ciências da cultura Padre Manuel Antunes) (2019, 2020)

ZUSAMMENFASSUNGEN

Pandemische Krise: wer bin ich in dieser neuen welt?

Soraya Nour Sckell

Die Krise, die wir heute erfahren, ist das Symptom einer schweren Pathologie. Die Krankheitsgeschichte zeigt uns, dass diese Krise nicht nur gestern von einem fernen Markt gekommen ist, sondern tiefere ökologische, gesellschaftliche und politische Ursachen hat. Die Diagnose: Wenn wir morgen tun, was wir gestern taten, werden neue Pandemien oder andere globale Risiken fortsetzen uns zu überraschen. Das Heilmittel ist eine radikale Veränderung unserer Lebensweise. Aber wie?

Sehr alte Fragen werden jetzt neu gestellt und die Antworten können die gleichen wie vorher sein: Wer bin ich und wer möchte ich sein? Wo ist mein Ort in meiner Gemeinschaft, in meiner Stadt, in meinem Land, in der Welt, im Universum? In welcher Gesellschaft lebe ich und wohin geht sie? Wieviel von meiner Freiheit kann ich lassen, aus Respekt? Wieviel, von dem was ich gebrauche, kann ich aus Solidarität entbehren? Wie viele meiner Rechte können begrenzt werden, aufgrund von Sicherheit? Wer ist geschützt, „immunisiert“, doch wer ist verletzlich, unsichtbar, verlassen? Welche Werte werden gefördert und welche Werte werden verachtet? Was ist das Gemeingut, die Glücklichkeit, die Angst, das Leben und der Tod? Wie lebe ich, was ist der Sinn des Lebens und wie will ich leben?

Das sind die Fragen, die jeden einzelnen von uns, vor dem Hintergrund einer kritischen Betrachtung der pandemischen Krise, dazu aufrufen, darüber nachzudenken, wie wir eine entscheidende Rolle bei der Gestaltung einer neuen Welt annehmen – einer Welt, verschieden von dem, was vorher war – um nicht zum „Normalen“ zurückzukehren.

Die Pandemie, als sanitäre Krise, entsteigt aus einer multidimensionalen Konstellation anderer Krisen, die alle miteinander verbunden sind: die ökologische Krise, ökonomische Krise, Krise des Sozialstaats und der

öffentlichen Gesundheitspflege, Arbeitskrise, Soziale Krise, Krise der Solidarität, politisch-rechtliche Krise.

Ökologische krise

Der Virus des Anthropozän? Für einige ein biologisches Ereignis, wie andere Pandemien der Geschichte. Für andere, ein Ereignis des Anthropozän. Die Frage ist, in welcher Weise die Pandemien durch den Eingriff der menschlichen Hand in die Umwelt begünstigt werden (industrielle Züchtung von Tieren, Zerstörung der Ökosysteme und Wildarten, Stärkung der Bakterien durch den Konsum von Antibiotika, zur Mast und zur Vorbeugung von Infektionen bei Tieren, Klimaveränderungen, die tropische Arten, die Krankheitserreger übertragen und sie dazu veranlassen einen geeigneten Lebensraum in gemäßigten Regionen zu finden, usw.) Die Natur, die wir zu zerstören versuchen, widersteht, „rächt sich“, „zeigt uns die Rechnung“. Welche andere Lebensweise und Beziehung zur „Mutter Erde“ ist möglich?

Ökonomische krise

Bruno Latour erinnert uns daran, wie sie gesagt haben, es wäre unmöglich, die Produktion und die Zirkulation zu unterbrechen, aber der Virus hat Fabriken und Flugzeuge lahmgelegt. Während einige die Rückkehr zur Produktion fordern, verlangen andere, wie er, eine neue Form der Produktion, des Konsums und der Auswahl derjenigen, die Subventionen und Finanzierungen erhalten. Wie kann diese Veränderung verwirklicht werden? Welche Rolle soll die Wirtschaft in der Gesellschaft übernehmen? Wie kann die Wirtschaft demokratisch kontrolliert werden?

Krise des sozialstaats und der öffentlichen gesundheitspflege

„Die Verwandlung“. Der Abbau des Sozialstaats und die Reform der öffentlichen Gesundheitspflege sind für viele Autoren der Hauptgrund der Schwierigkeiten bei der Antwort auf die Pandemie. Der Staat wurde

jahrelang beschuldigt unwirtschaftlich zu sein gegenüber einem Markt, der fähig ist, alles zu regulieren. Aber der Markt ist während der Pandemie verstummt. Es gibt viele, die eine Rückkehr zum Sozialstaat fordern, während andere, abgesehen von einem Schutz der öffentlichen Güter und der grundlegenden Dienste – darunter die Gesundheitspflege – ein weniger zentralisiertes Modell verlangen, sowie die Erfindung neuer Formen der Gemeinschaft und der Nähe zum Schutz dieser Güter, „das Gemeinsame“ (Balibar), ebenso wie ein umfassendes System zum Schutz der Gesundheit. Welchen Staat wollen wir? Welches Modell zum Schutz der Gesundheit wollen wir in diesem Staat – oder über diesen hinaus?

Arbeitskrise

Arbeitslosigkeit, Prekarität, Armut. Einige erwägen, dass die Pandemie durch die Einschränkungen, die Arbeitslosigkeit und die Prekarität gebracht hat; andere bewerten wie Supiot, dass das, was geschehen ist, ein „Realitätsschock“ war. In den Industrieländern war der Sozialstaat nicht fähig auf die Krise zu antworten, weil seine drei Grundpfeiler bereits geschwächt waren: das Arbeitsrecht, soziale Sicherheit und die öffentlichen Dienste der wesentlichen Güter (Gesundheit, Erziehung, Energie, Verkehr usw.). In den Entwicklungsländern brachte die extreme Armut verheerende Auswirkungen. Wie werden ein Arbeitsrecht und eine soziale Sicherheit geschaffen, die die Bevölkerung selbst in Situationen wie die der pandemischen Krise, vor der Armut impft?

Soziale krise

„Die Immunisierten“. Verwundbarkeit, Benachteiligung, Unsichtbarkeit. Der unsichtbare Virus wählt die Unsichtbaren der Gesellschaft. Die Opfer der Pandemie besitzen eine gesellschaftliche Klasse, Farbe, Alter, Geschlecht, Staatsangehörigkeit. Produktive Akteure sind vorrangige Patienten. Diejenige, die bereits verlassen wurden, lässt man nun sterben. In Europa waren es die Alten, die bereits krank waren, die Obdachlosen, die

Flüchtlinge. Neben der unkontrollierten Zunahme häuslicher Gewalt wurden die Frauen von der Arbeitslosigkeit, von der Arbeit an vorderster Front im Gesundheitswesen und bei der Telearbeit durch die angehäuften Aufgaben im Familienhaushalt betroffen, da sie anders als die Männer eingeschränkt wurden. In den armen Ländern und in den Konfliktzonen dezimiert der Virus die gesamte bedürftige Bevölkerung ohne Möglichkeit zur Isolation und ohne Zugang zu einer Behandlung. Überall, wo versucht wird die „Schuldigen“ zu finden, wird die Verantwortung auf ein Anderssein geschoben oder auf diejenigen, die aus „der Fremde“ kommen und den Virus mit sich bringen. Wie lässt sich die soziale Einheit einer Gemeinschaft wiederherstellen, die wirklich kosmopolitisch ist? Was ist die Menschheit?

Krise der solidarität

Die Solidarität hat eine gesellschaftliche, politische und rechtlichen Dimension. In ihrer gesellschaftlichen Dimension zeigt sich die Solidarität in der spontanen Weise der gegenseitigen, alltäglichen Hilfe zwischen den Nachbarn, Verwandten und Freunden, sowie zwischen denen, die sich völlig fremd sind. Die gesellschaftliche Solidarität geht auch über die spontane Geste hinaus, organisiert sich in zivilen Verbindungen jeder Art, in lokaler, nationaler, europäischer, transnationaler und globaler Dimension. In ihrer politischen Tragweite äußert sich die Solidarität durch Hilfsmaßnahmen zwischen Staaten (finanziell, logistisch, klinisch usw.). In ihrer rechtlichen Tragweite gründet die Solidarität die soziale Sicherheit und entsteht das Prinzip der Europäischen Union. Wenn die gesellschaftliche Solidarität während der Pandemie die schönsten Beispiele gab und die Fähigkeit der Menschen zeigte, sich zu vereinen und auf alle möglichen Schwierigkeiten zu reagieren, als die Institutionen versagten, zeigten die politische und rechtliche Solidarität ihre Schwächen. Während einige Staaten schwer betroffen sind, bleiben bei anderen die Ressourcen übrig. Wissen, die Möglichkeiten von Untersuchungen, Medikamente, Behandlungen und Impfungen – die globale und öffentliche Güter sein sollten – wurden umkämpft wie irgendeine andere „Handelsware“. Der Konflikt zwischen einigen Ländern

verschärft sich, erhöht die nationalistischen, populistischen, fremdenfeindlichen Tendenzen, neben anderen irrationalen Ausformungen, und begrenzt die Möglichkeiten einer organisierten internationalen Entgegnung. Wie lässt sich die Solidarität in all ihren Dimensionen – gesellschaftlich, politisch und rechtlich, in lokaler, regionaler und globaler Ausbreitung – dergestalt wiederherstellen, damit die internationale Gemeinschaft fähig wird, eine gemeinsame Antwort auf globale Bedrohungen wie diese zu geben?

Politisch-rechtliche Krise

Ausnahmezustand, Grundrechte, Datenschutz. Giorgio Agamben hat schon lange die Tendenz zum Szenario des Freiheitsentzugs und des Ausnahmezustandes als Paradigma der Regierung beobachtet. Die Verarbeitung von Informationen erreicht jetzt eine unbegrenzte Dimension von Möglichkeiten – unsere Lebenszeichen, unsere Gesichtsausdrücke, wo wir gehen, was wir konsumieren, alles kann durch ein *app* kontrolliert werden, für den es keine Geheimnisse gibt. Die Souveränität, im klassischen Sinn, wurde durch die Kontrolle der Grenzen und über den territorialen Raum zur Geltung gebracht; in unserer Zeit wird sie durch die Kontrolle der big data und in einem virtuellen Raum ausgeübt, der keine Grenzen kennt. Auf welche Weise kann die Sicherheit gegenüber der Privatsphäre und den Grundrechten vorherrschen?

DIALOG 1

RAHEL JAEGGI & ESTELLE FERRARESE

Eine Lebensform auf dem Prüfstand?

Rahel Jaeggi

Die Corona-Krise ist die Krise einer (unserer kapitalistisch geprägten) Lebensform, oder sie kann zu einer solchen werden. Es ist wie häufig bei Krisen: Diese können zunächst von außen kommen, von etwas ausgelöst sein, das nicht in unserer Handlungsmacht als Gesellschaft, liegt. Sie können unverfügbar sein, unerwartet und von außen auf uns zukommen, wie das Auftreten eines neuartigen Virus. Aber nicht nur wird erst zu sehen sein, ob das vermehrte Auftreten von solchen Viren etwas mit der Verschiebung ökologischer Gleichgewichte zu tun hat. Auch solche (auf den ersten Blick) Naturereignisse können zu Krisen einer ganzen sozialen Lebensform werden, indem sie deren latente Probleme sichtbar machen. Es handelt sich um Krisen zweiter Ordnung, Krisen im Umgang mit Krisen. Und diese sind selbstgemacht in dem Sinne, dass sie nicht nur unsere soziale Ordnung betreffen, sondern durch diese selbst hervorgebracht sind. Die Frage, wie wir leben, wie unsere gesellschaftlichen Strukturen verfasst sind, ist hier entscheidend.

Krise in unserer *Lebensform*, Krise in unserer *Lebensform*. Die Pandemie, das Individuum und die Spezies

Estelle Ferrarese

Die politischen und medizinischen Diskurse, ebenso wie die Maßnahmen, die durch das Notstandsdekret ergriffen wurden, bestimmen die Gestaltung der Welt, selbst ihr Fortbestehen und, zumindest was die men-

schliche Welt betrifft, meine individuelle, segmentierte Verantwortung. Es ist die individuelle, segmentierte und zugleich gemeinsame Widerstandskraft, die als Antwort auf die Pandemie wirkt. Diese Verantwortung, die vor allem die Ausübung einer Enthaltung oder selbst einer Enthaltbarkeit ist – ich beschränke meine Atmung, meine Bewegung, meine Begegnung mit den Anderen – wirkt so, dass die individuellen Verhaltensweisen als kausale Elemente der Pandemie eingeführt werden. Denn hier bedeutet Verantwortung vor allem und an erster Stelle Zurechnungsfähigkeit. Auf diese Weise befähigt die Ermittlung der wirklichen Autoren der Verbreitung der Epidemie die Anklage und/oder die Freisprechung einiger Individuen durch den Staat. Gegenüber der Zentralstellung der Verantwortung in der gegenwärtigen Krise, ist die Rückkehr zu der alten Idee der Solidarität ein besonders vielversprechender Weg.

BIOGRAFIEN

Rahel Jaeggi

Rahel Jaeggi ist Professorin für Praktische Philosophie mit Schwerpunkt Sozialphilosophie (seit 2009) und Leiterin des Centers for Humanities and Social Change Berlin (seit 2018) an der Humboldt-Universität zu Berlin. Ihre Forschungsschwerpunkte sind Sozialphilosophie, Politische Philosophie, Ethik, Philosophische Anthropologie, Sozialontologie und Kritische Theorie. Sie studierte Philosophie, Geschichte und Theologie an der Freien Universität Berlin (MA 1995) und an der Goethe-Universität Frankfurt am Main (Promotion 2002, Habilitation 2009). Sie war wissenschaftliche Mitarbeiterin (1996-2001) und später Hochschulassistentin (2003-2009) am Lehrstuhl für Sozialphilosophie/Prof. Axel Honneth, Institut für Philosophie, Goethe-Universität Frankfurt a. M., sowie Forschungsassistentin an der Universität St. Gallen/Schweiz (2001-2002). An der Yale University, New Haven/USA (2002-2003) und an der Fudan University, Shanghai/PRC (Sep-Okt 2012) war sie Gastprofessorin. Als Theodor-Heuss-Professorin unterrichtete sie im akademischen Jahr 2015-2016 an der New School for Social Research in New York. In den Jahren 2018-2019 war sie Mitglied der School for Social Science an der IAS in Princeton. Zu ihren Publikationen gehören *Capitalism – A Conversation in Critical Theory* (mit Nancy Fraser), Cambridge: Polity Press (2018); *Kritik von Lebensformen*, Berlin: Suhrkamp (2014); *Entfremdung – Zur Aktualität eines sozialphilosophischen Problems*, Berlin: Suhrkamp (2016); *Sozialphilosophie. Eine Einführung* (mit R. Celikates), München: Beck (2017); *Welt und Person – Zum anthropologischen Hintergrund der Gesellschaftskritik Hannah Arendts*, Berlin: Lukas Verlag (1997).

Estelle Ferrarese

Estelle Ferrarese ist Professorin für Moralphilosophie und politische Philosophie an der Universität de Picardie Jules Verne (Frankreich). Sie war Gastprofessorin an der New School for Social Research in New York, Stipendiatin der Alexander von Humboldt-Stiftung an der Humboldt-Universität und Forscherin am Marc-Bloch-Zentrum in Berlin. Ihre Arbeit konzentriert sich auf die Kritische Theorie der Frankfurter Schule, feministische Philosophien, Lebensweisen und Verletzlichkeit. Sie ist Autorin von folgenden Publikationen: *Vulnerability and Critical Theory*, Leyden, Brill (Brill Research Perspectives in Critical Theory), 2018; *La fragilité du souci des autres. Adorno et le care*, Lyon, ENS éditions, 2018. (*Adorno and the Fragility of Caring for Others*, Edinburgh University Press, 2020); *Ethique et politique de l'espace public. Habermas et la discussion*, Paris, Vrin, 2015; *Niklas Luhmann, une introduction*, Paris, Pocket /La Découverte, 2007; (mit Sandra Laugier) *Formes de vie*, Paris, éditions du CNRS, 2018; *Qu'est-ce que lutter pour la reconnaissance ?* Lormont, 2013; Special issue „How Capitalism Forms our Lives“, *Journal for Cultural Research*, vol. 22 (2), 2018, hrsg. mit Alyson Cole; Special issue „The Politics of Vulnerability“, *Critical Horizons*, vol. 17 (2), 2016; „Politique des formes de vie“, *Raisons Politiques*, 57, 2015, hrsg. mit Sandra Laugier; „Corps Vulnérables“, *Cahiers du genre*, 58, 2015, hrsg. mit Sandra Laugier.

DIALOG 2

ROBIN CELIKATES & HOURYA BENTOUHAMI

Solidarität in der Krise

Robin Celikates

Die COVID-19-Pandemie führt in aller Krassheit vor Augen, wie ungleich Prekarität und Vulnerabilität in unseren Gesellschaften verteilt sind. Die als „systemrelevant“ beklatschte Arbeit ist noch immer radikal unterbezahlt, extrem prekär und überwiegend migrantisch. Die katastrophale Wirkung des Corona-Virus gerade auf sowieso schon marginalisierte, ausgebeutete und unterdrückte Gruppen, wie migrantische Communities, zeigt sich in sogar noch zugespitzter Weise im Fall von Geflüchteten und Flüchtenden, vor allem an der Grenze, in einer durch die Grenze intensivierten Form. Grenzen strukturieren, wie wir die Welt wahrnehmen, wer und wessen Leben zählt, wer und wessen Geschichte erzählt wird. Obwohl oder vielleicht gerade weil sie historisch kontingent, meist sehr jungen Datums, Teil einer blutigen Geschichte und wesentlich für die Aufrechterhaltung massiver Privilegien sind, werden Grenzen naturalisiert, als unhintergehbare Teil der Wirklichkeit erfahren und spielen für die Identität eine konstitutive Rolle. Zugleich ist die Grenze immer auch ein Feld von Kämpfen, ein Ort des Konflikts, der Kontestation und der Aushandlung. Letztendlich konfrontieren uns diese Kämpfe in Zeiten der Pandemie noch schärfer als sonst mit einer Wahl: zwischen der Barbarei der Abschottung und der Entwicklung neuer transnationaler Formen der Solidarität. Aber wie steht es um deren Reichweite, Dauerhaftigkeit und Durchschlagskraft?

„Solidarität in der Krise“. Antwort an Robin Celikates

Hourya Bentouhami

Um die aktuelle politische Situation in Europa im Zusammenhang mit der Pandemie zu analysieren, hebt Robin Celikates die unmögliche Konstituierung der Europäischen Gemeinschaft hervor, deren Mitglieder unter diesen Bedingungen ihre nationale Gestalt wiederherzustellen beginnen, um sich vor einer Gefahr zu schützen, die sie an das Äußere ihrer selbst, ihres Lebensstils, einschließlich in seiner einfachsten und nacktesten Form, verweist. Nun aber scheint der Virus die eigentliche Tatsache der Zerstörung der Lebensräume und Lebensarten zu sein, der Abholzungen in diesem so familiären Irgendwo, ehemalige Kolonialländer, Gebiete zum Spiel und zur Extraktion der Gewinne an entfernten Orten, die immer gefährlicher wurden, auch wenn sie notwendig sind, um den unerträglichen Stil des europäischen Lebens zu tragen. Wie kann Europa, gegründet auf die nationale Gestalt, sich als ein Ort der der Immunität konstituieren, als eine Art heiliger Raum, wo das Leben auf Kosten des „Äußeren“ bewahrt werden muss, obwohl diese in Wahrheit Innenräume sind, die hart von der Pandemie und von einer lebenszerstörerischen Politik getroffen werden? Wie kann eine Politik, die Bewahrung und Wertschätzung des Lebens zum eigentlichen Ziel hat, zu einer Politik werden, die Krankheit und den Tod nicht nur zur Ursache, sondern auch als Bedingung hat?

BIOGRAFIEN

Robin Celikates

Robin Celikates ist Professor für Sozialphilosophie an der Freien Universität Berlin und stellvertretender Direktor des Centers for Humanities and Social Change Berlin. Vor seinem Wechsel nach Berlin lehrte er viele Jahre an der Universität von Amsterdam und war Mitglied des Institute for Advanced Study in Princeton. Seine Forschungsschwerpunkte liegen im Bereich der Kritischen Theorie. Gegenwärtig arbeitet er vorwiegend zu zivilem Ungehorsam, Demokratie, Migration und Rassismus. Er ist Mitherausgeber der Zeitschrift *Critical Times: Interventions in Global Critical Theory* (<https://www.dukeupress.edu/critical-times>) und interveniert regelmäßig in öffentliche Debatten in Zeitungen, Radio und online. Homepage: <https://fu-berlin.academia.edu/RobinCelikates>. Zu seinen Publikationen gehören *Sozialphilosophie* (C. H. Beck 2017, mit Rahel Jaeggi), *Einführung in die Politische Philosophie* (Reclam 2013, mit Stefan Gosepath); *Kritik als soziale Praxis. Gesellschaftliche Selbstverständigung und kritische Theorie* (Campus 2009); *Analyzing Ideology* (Oxford University Press 2019, mit Haslanger Sally, Stanley Jason); *Transformations of Democracy. Crisis, Protest, and Legitimation. London: Rowman & Littlefield* (Rowman & Littlefield 2015, mit Regina Kreide und Tilo Wesche); *The Irregularization of Migration in Contemporary Europe: Detention, Deportation, Drowning* (Rowman & Littlefield 2015, mit Josst de Bloois und Yolande Jansen).

Hourya Bentouhami

Hourya Bentouhami ist *Maître de Conférences* für Philosophie an der Universität Toulouse II (Frankreich). Sie veröffentlichte ausführlich

über postkoloniale Perspektiven des Feminismus und der politischen Theorie und behandelt ein breites Spektrum von Themen wie Identität, Kultur, Anerkennung, Ungehorsam, Erinnerung an Sklaverei und restaurative Gerechtigkeit. Sie trug zu öffentlichen Debatten über Migration, Minderheiten und Diskriminierung, Sichtbarkeit der Rasse, Geschlecht, Sexismus und Rassismus bei. Sie war Gastprofessorin an der Columbia Universität und Co-Koordinatorin des Programms zur Erinnerung an die Sklaverei in Amerika (Toulouse). 2012 nahm sie an dem Dokumentarfilm *Notre Monde* von Thomas Lacoste teil, in dem sie an die Arbeit von Frauen ausländischer Herkunft erinnert, die ihrer Meinung nach von der politischen Macht diskreditiert und unsichtbar gemacht werden. Autorin von *Le dépôt des armes. Non-violence et désobéissance civile* (Presses Universitaires de France, 2015); *Race, Cultures, Identités. Une approche féministe et post-coloniale* (PUF, 2015); *Critical Race Theory: une introduction aux grands textes fondateurs* (hrsg. mit Mathias Möschel Dalloz, 2017); „Political Phenomenology of the Veil“ (in *Race as Phenomena*, Rowman and Littlefield, 2019).

DIALOG 3

ETIENNE BALIBAR & FRIEDER OTTO WOLF

Zwischen dem Staat und dem Gemeinsamen: der öffentliche Dienst

Etienne Balibar

Wir wissen nicht, wann die Pandemie und die soziale Krise, die mit ihr verbunden ist, „enden“ werden. Aber wir sollten versuchen zu verstehen, was sich in der Bedeutung der politischen Begriffe, die wir benutzen, verändert, um den Folgen entgegenzutreten. Auf direkte Weise ist die Krise des öffentlichen Dienstes ein strategisches Bindeglied. Die Bürger, die theoretisch „gleich hinsichtlich ihrer Rechte“ sind, sind heutzutage weder gleich in der Krankheit, noch sind sie gleich im Hinblick auf die Maßnahmen, um die Gesellschaft vor ihr zu schützen. Wir können somit sagen, dass der öffentliche Dienst das Gemeinsame zerstört hat und zugleich der Universalität widerspricht, die sein Existenzgrund geschaffen hat. Dennoch kann er nicht einfach zugunsten privater Institutionen oder selbstverwalteter Bürgerinitiativen abgeschafft werden. Die Erfahrung, die wir machen, drängt uns deshalb dazu, von einfachen Gegenüberstellungen Abstand zu nehmen. Sie verselbstständigt die Vorstellung vom öffentlichen Dienst und verleiht ihm ein eigenes Konfliktpotenzial. Ärzte und andere Pflege- und Krankenteams, haben, unterstützt von der öffentlichen Meinung, eine zutiefst politisch Gemeinschaftswirkung erzeugt. Doch diese will den Staat nicht durch das Gemeinsame ersetzen. Stattdessen versucht sie den Staat dazu zu verpflichten, der Öffentlichkeit zu dienen, dadurch, dass dem Markt die notwendigen Ressourcen entzogen werden und diese vernünftig und unter demokratischer Kontrolle nutzbar gemacht werden. Als Vermittler in den Konflikten zwischen dem Staat und dem Gemeinsamen steht der öffentliche Dienst auf dem Spiel.

Der öffentliche Dienst als Ort und Einsatz gesellschaftlicher Kämpfe – ein Blick auf die gegenwärtige Krisenkonstellation

Frieder Otto Wolf

Der öffentliche Dienst ist eine Frage des Kampfes. Dies auf allen Ebenen: vom Oberflächlichsten (zum Beispiel finanziell) bis zum Tiefsten (zum Beispiel der Klassenkampf). Und es gibt einen eigenen besonderen Konflikt: die Universalität der Regeln, auf der einen Seite, und die Angleichung an die Notwendigkeiten der konkreten Situation, auf der anderen. Dies gilt ebenso für die Öffentlichkeit wie für den Staat. Mit einem Unterschied in der Betonung: Im Staat gibt es die Neigung zur Formalisierung (und, sozusagen, zur Bestimmung) der Universalität: Im Gemeinsamen gibt es eine Öffnung für die Besonderheiten einzelner Situationen. Mit anderen Worten: die Politik in ihrer staatlichen Form privilegiert das Recht, während die Politik in ihrer gemeinschaftlichen Form die Gerechtigkeit betont, also die Richtigstellung vorgenommener Entscheidungen. Daher der latente Antagonismus in der konkreten politischen Praxis – der uns zu der Frage führen kann, wie der Gegensatz zwischen dem Staat und dem Gemeinsamen überwunden werden kann (ein fernes Echo der alten Frage nach dem Absterben des Staates).

BIOGRAFIEN

Étienne Balibar

Étienne Balibar, einer der bekanntesten Philosophen unserer Zeit, hat den *Anniversary Chair* für moderne europäische Philosophie an der Kingston University in London inne und ist Gastprofessor an der Columbia Universität. Er ist emeritierter Professor für Moralphilosophie und politische Philosophie an der Universität Paris X-Nanterre und emeritierter Professor für Geisteswissenschaften an der Universität von California in Irvine. Er veröffentlichte zahlreiche Schriften in den Bereichen Erkenntnistheorie, marxistische Philosophie sowie Moralphilosophie und politische Philosophie. Zu seinen Publikationen gehören: *Lire le Capital* (mit Louis Althusser, Pierre Macherey, Jacques Rancière, Roger Establet) (1965); *Cinq Etudes du Matérialisme Historique* (1974); *Sur La Dictature du Proletariat* (1976); *Race, Nation, Class. Ambiguous Identities* (Verso, 1991, mit Immanuel Wallerstein); *Écrits pour Althusser* (1991); *Les Frontières de la Démocratie* (1992); *The Philosophy of Marx* (Verso 1995); *Droit de cité. Culture et politique en démocratie* (1998); *John Locke, Identité et différence - L'invention de la conscience* (1998); *Spinoza and politics* (Verso 1998); *Politics and the Other Scene* (2002); *We, the People of Europe? Reflections on Transnational Citizenship* (Princeton 2004); *Equaliberty* (2014); *Violence and Civility. On the Limits of Political Philosophy* (Columbia University Press, 2015); *Citizen Subject. Foundations for Philosophical Anthropology* (Fordham University Press, 2017); *Secularism and Cosmopolitanism* (Columbia University Press 2018) and *On Universals. Constructing and Deconstructing Community* (Fordham University Press, 2020).

Frieder Otto Wolf

Frieder Otto Wolf ist Honorarprofessor für Philosophie an der Freien Universität Berlin. Zwischen 1962 und 1966 studierte er Philosophie und Politikwissenschaft (in Kiel, Paris und Edinburgh). Von 1966 bis 1981 lehrte und forschte er an der Universität des Saarlandes in Saarbrücken, an der Freien Universität Berlin, an der Universität von Coimbra und am Wissenschaftszentrum von Berlin. Er unterrichtete Philosophie an der Freien Universität Berlin seit 1973 als Privatdozent und seit 2006 als Honorarprofessor. Er vertrat die deutschen Grünen von 1984 bis 1989 sowie von 1994 bis 1999 im Europäischen Parlament. Er ist Autor von folgenden Publikationen: *Humanistische Interventionen* (Alibri, 2019); *Radikale Philosophie. Aufklärung und Befreiung in der neuen Zeit*. (2. Ausg. Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2019); *Rückkehr in die Zukunft – Krisen und Alternativen. Beiträge zur radikalen Philosophie* (Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2012); *Humanismus für das 21. Jahrhundert* (Humanistischer Verband Deutschlands, Landesverband Berlin, Berlin 2008); *Umwege. Der Tod der Philosophen und andere Vorgriffe* (2. Ausg, Berlin, 2008); *Welt ist Arbeit. Im Kampf um die neue Ordnung* (mit Gerd Peter, Verlag Westfälisches Dampfboot, Münster 2008); *Arbeitsglück. Untersuchungen zur Politik der Arbeit* (Lit Verlag, Münster 2005); *Umwege. Politische Theorie in der Krise des Marxismus* (SOAK-Verlag, Hannover 1983, Umwege, Berlin, 2009). *Die neue Wissenschaft des Thomas Hobbes*, 1969.

DIALOG 4

GUNTER GEBAUER & DIOGO SARDINHA

Über Wirkungen der Corona-Krise auf Verhalten und Emotionen

Gunter Gebauer

Als Reaktion auf die Corona-Krise sind eine Reihe tiefgreifender Veränderungen im Verhalten der deutschen Bürger entstanden. Sie treten als Hemmungen von Bewegungen, Meidung von Kontakt, Zurückweisung von Nähe und Beobachtung anderer Personen in Erscheinung. Auf diese Weise ist eine neue Fremdheitserfahrung entstanden. Die körperlichen Gefühle in Interaktionen sind von Unsicherheit und Misstrauen geprägt. Als Folge lässt sich ein Rückzug in die Intimität der eigenen Person beobachten. Philosophisch kann man sie mit einem Ausdruck von Hannah Arendt als „Weltlosigkeit“ bezeichnen. Anthropologisch ist sie mit Pierre Bourdieus Habitus-Begriff gut zu beschreiben: Die Verhaltensänderungen werden von Eingriffen in den Habitus hervorgerufen; sie werden unmittelbar körperlich wirksam und modifizieren das Selbst-Gefühl. In der ersten Phase der Pandemie-Maßnahmen, von April bis August, wurden die Regulierungen des Verhaltens und öffentlichen Lebens von den Bürgern in Deutschland bereitwillig verinnerlicht. Ab September begannen immer offensiver auftretende Gruppen dagegen zu rebellieren. Wie lässt sich dieser Widerstand anthropologisch beschreiben? Worin unterscheiden sich die Protestierer von der Mehrheit der Bevölkerung?

Die Epidemie als beschleunigte Produktion eines neuen Lebens

Diogo Sardinha

Im Gegensatz zu dem, was man denken könnte, ist die Pandemie nicht einfach nur ein Moment der Aussetzung von Handlungen und der Verlangsamung der Rhythmen – der Wirtschaft, der Arbeit, der Reisen, des Unterrichts, des Lebens. Sie ist auch und vor allem ein Moment äußerster Beschleunigung der Praktiken, die bereits deutlich langsamer im Gange waren. Wir erfahren die Verallgemeinerung der Telearbeit, die Verschiebung der Personen aus den Stadtzentren, wo sie arbeiten, in die Wohngebiete außerhalb der Städte, das Leben vor den Bildschirmen, das Eindringen der Arbeitshierarchien in den Wohnraum, der bisher vor allem privat und sogar intim war. Diese plötzlichen und massiven, und daher brutalen Veränderungen werden unvermeidbar durch die restriktiven Maßnahmen, die in den verschiedensten Ländern angewendet werden. Es ist deshalb nicht überraschend, dass die internationalen Finanzmärkte fortlaufende Gewinne verzeichnen: Sie tun nichts anderes, als der Expansion vorzugreifen, die von dieser neuen, höchst technologisierten Welt ausgeht, die individuelle und kollektive Gewohnheiten verändert und dabei neue Notwendigkeiten produziert, die durch die Wirtschaft befriedigt werden müssen. Zur gleichen Zeit, wie Gunter Gebauer zu Recht sagt, erfahren die Verhältnisse jedes Einzelnen in Beziehung zu den anderen und zu sich selbst Veränderungen. Wir spüren eine allgemeine Verletzlichkeit, weil wir alle von der Krankheit „betroffen“ werden können. Sie ist ein „unsichtbarer Feind“ und scheint „heimtückisch“. Wir wissen nicht, ob sie die „Unsrigen“ bereits „angegriffen“ hat oder ob wir bereits zur „Masse der infizierten Personen“ gehören. In dieser Situation, wissen wir nicht, ob wir „Schutz benötigen“. Ohne dass wir sicher sind, wann wir aus dieser Situation entkommen, lassen uns die angenommenen Gewohnheiten denken, dass wir nicht so schnell zu dem zurückkehren, was wir waren, weder in unseren Verhältnissen zu den anderen

Personen, noch zu uns selbst. Auch hier, auf einer anthropologischen Ebene, bewirkt die Pandemie mehr als nur die Rhythmen zu verlangsamen: sie produziert Lebensweisen – distanziert, misstrauisch, zurückhaltend –, die sich bis jetzt, in diesem Ausmaß, nicht in unseren Gesellschaften durchgesetzt hatten.

BIOGRAFIEN

Gunter Gebauer

Prof. Dr. Gunter Gebauer ist emeritierter Professor für Philosophie und Soziologie des Sports an der Freien Universität Berlin. Er war u.a. Sprecher des Interdisziplinären Zentrums für Historische Anthropologie. Zu seinen Publikationen gehören *Der Einzelne und sein gesellschaftliches Wissen. Untersuchungen zum Symbolischen Wissen*, Berlin/New York: De Gruyter 1981; *Historische Anthropologie* (mit D. Kamper/ D. Lenzen/ H.G. Mattenklotz/ K.G. Wünsche), Reinbek: Rowohlt 1988; *Mimesis. Kultur – Kunst – Gesellschaft* (hg. mit Ch. Wulf), Reinbek: Rowohlt 1992; Engl. Übersetzung: *Mimesis: Culture – Art – Society* (ed. with Ch. Wulf), Berkeley/Los Angeles: University Press of California 1995; Franz. Übersetzung: *Mimésis. Culture–Art–Société* (avec Christoph Wulf), Paris: Les Éditions du Cerf 2005; *Spiel – Ritual – Geste. Das Mimetische in der sozialen Welt* (mit Ch. Wulf), Reinbek: Rowohlt 1998; Französische Übersetzung: *Jeux, Rituels. Gestes. Les fondements mimétiques de l'action sociale* (avec Ch. Wulf), Paris: Anthropos 2004; *Wittgensteins anthropologisches Denken*, München: C.H. Beck 2009; *Ludwig Wittgenstein. Im Fluss des Lebens und der Sprache*. Sprecher: Ulrich Matthes und Gunter Gebauer (Hörbuch, Onomato Verlag, 2011). *Von der Emotion zur Sprache. Wie wir lernen, über Gefühle zu sprechen* (mit Manfred Holodynski, Stefan Koelsch, Christian von Scheve), Weilerswist, Velbrück 2017; *Vom Sog der Massen und der neuen Macht der Einzelnen* (mit Sven Rücker), DVA/Random House, München 2019.

Diogo Sardinha

Diogo Sardinha studierte Philosophie an der Universität von Lissabon und Paris Nanterre (unter der Betreuung von Étienne Balibar), bevor er seine

Habilitation an der Universität von Paris 8 Vincennes Saint-Denis erhielt. Er war Gastforscher am Philosophischen Seminar der Katholischen Universität von São Paulo (PUC-SP), am deutsch-französischen Marc-Bloch-Zentrum für Sozialwissenschaften in Berlin, am Institut für Philosophie der Freien Universität Berlin (auf Einladung von Gunter Gebauer) und am Institut für Vergleichende Literaturwissenschaft und Gesellschaft – Columbia University ICLS in New York. Ab 2010 war er sechs Jahre lang Mitglied des Collège International de Philosophie in Paris und koordinierte das Forschungsprogramm Gewalt und Politik. Von 2013 bis 2016 war er Präsident desselben Collège und der erste Nicht-Franzose, der diese Position seit seiner Gründung im Jahr 1983 durch eine Gruppe von Denkern unter der Leitung von Jacques Derrida innehatte. Er veröffentlichte als Herausgeber unter anderem Bücher und Dossiers über Kant, Foucault und Deleuze. Mit Bertrand Ogilvie und Frieder Otto Wolf hat er gemeinsam ein Buch über Europa herausgegeben. Seine Hauptinteressen umfassen Geschichte, Politik und Anthropologie, die sich auf die deutsche Philosophie von Kant und die französische Philosophie des 20. Jahrhunderts konzentrieren. Derzeit ist er Forscher am Zentrum Für Philosophie der Universität von Lissabon. Sein jüngstes Buch (2019) wurde in São Paulo unter dem Titel *Die Tyrannei der Mächte, die sich verbänden: Brasilien in der Konjunktur (A Tirania dos Poderes Coniventes: o Brasil na Conjuntura)* veröffentlicht.

DIALOG 5

JULIAN NIDA-RÜMELIN & SERGE TISSERON

Risikoethische und politische Aspekte in der Corona-Krise

Julian Nida-Rümelin

Risiko gehört zum Leben. An das, was man „allgemeine Lebensrisiken“ nennt, haben wir uns gewöhnt. Sie werden allenfalls durch individuelles Verhalten, aber nur selten durch staatliche Eingriffe beeinflusst. Neue Risiken, wie etwa die aktuelle Corona-Pandemie, stellen dagegen Staat und Gesellschaft vor große Herausforderungen, die nur bewältigt werden können, wenn sie sich an einer rationalen, ethisch und juristisch zulässigen Risikopraxis orientieren. Der Referent wird eine Brücke schlagen zwischen philosophischer Ethik, Recht, Wirtschaft und Politik, um in der Krise Orientierung zu geben.

„Risikoethische und politische Aspekte in der Corona-Krise“. Antwort an Julian Nida-Rümelin

Serge Tisseron

Die COVID-19-Pandemie brachte grundlegende ethische Fragen ins Zentrum des Mediengeschehens, insbesondere durch seine Implikationen für das Primat der Gesundheit und das angestrebte Gleichgewicht von Sicherheit und Freiheit. Aber sie war auch für viele ein traumatischer Schock, so dass sie heute auch eine psychologische Krise darstellt. Trauma ist ein Phänomen der psychischen Aggression und der Überlastung seiner Abwehr durch eine Lebensbedrohung oder durch die Bedrohung der physischen oder psychologischen Integrität. In Wahrheit hat diese Pandemie auf eine brutale

Weise wie nie zuvor verschiedene Ängste miteinander verbunden: Die Angst vor dem physischen Tod, der gesellschaftliche Tod, der psychische Tod und sogar die Angst vor der Auslöschung der menschlichen Spezies, angetrieben durch einige „Kollaps-Propheten“. Diese Ängste wurden auch durch die Unfähigkeit der Regierung verschärft, die massiv die Wichtigkeit sozialer Bindungen für die geistige Gesundheit ignoriert hat. Dies hat Folgen für die drei Pfeiler der Identität jedes Einzelnen: die Selbstachtung, die Gewissheit zu lieben und geliebt zu werden und die Fähigkeit sich in der eigenen Gemeinschaft anerkannt und integriert zu fühlen. Die daraus resultierende posttraumatische Belastungsstörung hat zu einem erheblichen Anstieg des Verbrauchs von Anxiolytika und Antidepressiva geführt. Sie hat auch verschiedene Formen der Verleugnung verursacht. Mit diesen gehen wir heute um, in einer Zeit, in der es wichtiger ist denn je, der zweiten COVID-Welle mit einer größeren Klarheit entgegenzutreten, um sich den von ihr aufgeworfenen prinzipiellen ethischen Fragen zu stellen.

BIOGRAFIEN

Julian Nida-Rümelin

Julian Nida-Rümelin gilt als einer der renommiertesten Philosophen in Deutschland und lehrt Philosophie und politische Theorie an der Ludwig-Maximilians-Universität in München. Er gehörte als Staatsminister für Kultur und Medien dem ersten Kabinett Schröder an. Er ist Mitglied der Akademie der Wissenschaften zu Berlin und der Europäischen Akademie der Wissenschaften, Direktor am bayrischen Institut für digitale Transformation (bidt). 2016 verlieh ihm die bayrische Staatsregierung die Medaille für besondere Verdienste um Bayern in einem Vereinten Europa. Im Jahre 2019 erhielt er den bayrischen Verdienstorden. Seit Mai 2020 gehört er dem deutschen Ethikrat an. Sein Buch *Die Optimierungsfalle. Philosophie einer humanen Ökonomie* beruht auf einer Theorie praktischer Rationalität an der Nahtstelle zwischen Ökonomie, Spieltheorie und Philosophie. Er plädiert er für eine Erneuerung des philosophischen und politischen Humanismus (*Humanistische Reflexionen*, Suhrkamp, 2016), befasst sich mit den Prinzipien einer humanen und vielfältigen Bildungspraxis, auch mit der Ethik der Migration (*Über Grenzen denken*, edition Körber 2017). Sein Buch *Digitaler Humanismus: Eine Ethik für das Zeitalter der künstlichen Intelligenz* (Piper Verlag, 2018) erhielt in Österreich den Bruno-Kreisky-Preis für das beste politische Buch des Jahres. Jüngste Publikation: *Die gefährdete Rationalität der Demokratie* (edition Körber 2020).

Serge Tisseron

Serge Tisseron ist Psychiater, Mitglied der Akademie der Technologie, Doktor der Psychologie und Mitglied des wissenschaftlichen Rates von

CRPMS an der Universität von Paris. Er veröffentlichte ungefähr vierzig persönliche Essays und mehr als zweihundert Artikel, insbesondere über Familiengeheimnisse und unsere Beziehung zu Bildern, übersetzt in zwölf Sprachen. Er untersucht insbesondere, wie neue Technologien uns verändern. Er gründete vier Verbände: 1) Drei, Sechs, Neun, Zwölf (<http://3-6-9-12.org>), um Eltern bei ihren Bildungsaufgaben rund um die Bildschirme zu unterstützen; 2) das Institut zur Untersuchung von Mensch-Roboter-Beziehungen (<http://IERHR.com>), zur Forschung der Beziehung zwischen Mensch und Maschine; 3) das Spiel der drei Figuren (<http://3figures.org>), um durch Theateraktivitäten die Empathie vom Kindergarten bis zur Grundschule zu entwickeln. Dieses von ihm gegründete Projekt wurde vom Ministerium für nationale Bildung unterstützt und zertifiziert; 4) das Institut für Geschichte und Erinnerung an Katastrophen (<http://memoiresdescatastrophes.org>), das 2008 in Zusammenarbeit mit dem Ministerium für Ökologie, nachhaltige Entwicklung und Energie (MEDDE) gegründet wurde, um zur sozialen Widerstandsfähigkeit bei Katastrophen auf der Grundlage von individuellen und kollektiven Erinnerungen beizutragen. 2002 erhielt er den Fernsehbuchpreis, 2004 den Stassart-Preis der Akademie für Moral- und Politikwissenschaften und 2013, in Washington, den Preis des Family Online Safety Institute (FOSI) „für herausragende Leistungen“. Er war Mitherausgeber der Stellungnahme der Französischen Akademie der Wissenschaften, *L'Enfant et les tableaux* (2013). Seine persönliche Website ist <http://www.sergetisseron.com>.

DIALOG 6

ALEXEI GRINBAUM & ARMIN GRUNWALD

Digitale Erfassung: dafür oder dagegen?

Alexei Grinbaum

Indem die Politik, zum Schutz der Gesundheit der Bürger, auf die Entwicklung unserer Smartphones beharrt, marschiert sie in die digitale Stadt ein. Im antiken Griechenland forderte ein berühmter Politiker den persischen Eindringling heraus: *Molon labe*, „Komm und nimm!“ Der Virus hat auf die Herausforderung geantwortet, aber wo befinden sich unsere ethischen Thermophilen? Während der letzten Pestepidemie in Marseille im Jahr 1720, benutzte man die besten verfügbaren technischen Mittel der Epoche, die Flinten, um auf diejenigen Personen zu schießen, die versuchten aus der roten Zone zu entkommen. Gegenwärtig besitzen wir andere Mittel um die Bewegungen zu überwachen. Die Debatte über die digitale Erfassung mittels Smartphones erregt die Gemüter. Sollen wir auf diese Methode zurückgreifen? Wenn ja, unter welchen Bedingungen? Wird sie dazu dienen, die Pandemie einzudämmen?

„Digitale Erfassung: dafür oder dagegen?“. Antwort an Alexei Grinbaum

Armin Grunwald

Man kann darüber streiten, ob die digitale Erfassung von Covid-19-Kontakten ethisch verantwortlich und zielführend ist. Unter strenger demokratischer Kontrolle halte ich es für legitim, den Datenschutz

zeitlich befristet gegenüber dem Ziel der Gesundheit zurückzustellen. Die politische Einführung der Warn-Apps war jedoch weniger von einer sorgfältigen Abwägung von Argumenten gekennzeichnet, sondern von einer pauschalen Begeisterung über die digitalen Möglichkeiten. Darin zeigt sich ein in modernen Gesellschaften verbreiteter Reflex, in Notsituationen, insbesondere solchen mit hoher Unsicherheit, nach technischen Lösungen zu rufen. Diese wirken offenbar beruhigend und versprechen Sicherheit. Jedoch ist diese Technikgläubigkeit in der Covid-19 Pandemie genauso wie in vielen früheren ähnlichen Situationen gescheitert. Empirisch ist die Situation deprimierend: im Sommer wurden die Apps in Deutschland und Frankreich mit großen Hoffnungen eingeführt, seit dem Herbst steigen die Infektionszahlen jedoch dramatisch an. Es zeigt sich, dass naive Technikgläubigkeit in der Pandemie genauso wenig hilft wie bei der Lösung anderer Probleme. Immer kommt es auf das Zusammenwirken von Technik und Menschen an. Letztere sind der entscheidende Faktor. Digitale Technik ist keine Erlösung aus der Pandemie, sondern nur ein Baustein unter vielen, vermutlich sogar ein eher kleiner.

BIOGRAFIEN

Alexei Grinbaum

Alexei Grinbaum ist Physiker und Philosoph. Nach seinem Studium an der Universität von St. Petersburg und an der Polytechnischen Hochschule verteidigte er seine Dissertation über die Rolle von Informationen in der Quantentheorie. Seitdem erforschte er die Grundlagen der Physik mit einem speziellen Interesse an den ethischen Fragen neuer Technologien. Derzeit ist er Forscher am LARSIM-Labor in CEA-Saclay. Sein Interesse gilt den ethischen und sozialen Fragen neuer Technologien, insbesondere der Nanowissenschaften und Nanotechnologien. Er untersucht die Unsicherheiten des technischen Fortschritts und dessen Auswirkungen auf die Regierungsführung (*Governance*), die Anwendung des Vorsorgeprinzips und die Wahrnehmung technologischer Innovationen durch die Öffentlichkeit. Seine Veröffentlichungen widmen sich auch den großen technologischen Narrativen und der Analyse der Verantwortung der Forscher. Dabei wendet er anthropologische Konzepte an, um die Funktion von Nanoobjektbildern zu verstehen. Seine jüngste Forschung konzentriert sich auf ethische Fragen in der synthetischen Biologie, insbesondere auf den Begriff des Lebens in einem ethisch-historischen Kontext. Er war Koordinator für Frankreich des Projekts „Europäische Beobachtungsstelle für Nanotechnologien“ und trug zum Toolkit für ethische Reflexion und Kommunikation über Nanotechnologie bei. Er ist Mitglied von Cerna-Allistene (Kommission zur Reflexion der Forschungsethik in den digitalen Wissenschaften und Technologien). Kürzlich veröffentlichte er *Mécanique des étirements* (Encre Marine, 2014) und *Les robots et le mal* (Desclée de Brouwer, 2019).

Armin Grundwald

Armin Grundwald studierte Physik, Mathematik und Philosophie und promovierte 1987 zum Dr. rer. nat an der Universität zu Köln. Seine Habilitation mit der *venia legendi* für Philosophie erhielt er 1998 an der Universität Marburg. Er hatte verschiedene Berufstätigkeiten inne, in der Industrie (Software Engineering, 1987-1991), im Deutschen Zentrum für Luft- und Raumfahrt (1991-1995) und als stellvertretender Direktor der Europäischen Akademie zur Erforschung von Folgen wissenschaftlich-technischer Entwicklungen (1996-1999). Seit 1999 ist er Leiter des Instituts für Technikfolgenabschätzung und Systemanalyse (ITAS) am Karlsruher Institut für Technologie (KIT), seit 2002 Leiter des Büros für Technikfolgen-Abschätzung beim Deutschen Bundestag (TAB) und seit 2007 ebenfalls Professor für Technikethik und Technikphilosophie am KIT. Zudem ist er Mitglied der Deutschen Akademie der Technikwissenschaften (acatech) und seit 2009 und Mitglied des Präsidiums. Er war Mitglied der Endlagerkommission des Deutschen Bundestages von 2014 bis 2016, Mitglied in der Ethik-Kommission für autonomes und vernetztes Fahren des Bundesverkehrsministeriums 2016/2017 und ist Vorsitzender des Nationalen Begleitgremiums zur Endlagersuche seit 2020. Seine Arbeitsgebiete sind die Theorie und Methodik der Technikfolgenabschätzung, Technikphilosophie, Technikethik und nachhaltige Entwicklung. Seine jüngste Buchpublikation trägt den Titel: *Der unterlegene Mensch. Zur Zukunft der Menschheit angesichts von Algorithmen, Robotik und Künstlicher Intelligenz* (Riva, 2018)

DIALOG 7

ALICE CASAGRANDE & OLIVER SCHLAUDT

Der Zorn des Achilles. Warum das Gerede vom „Kampf gegen das Coronavirus“ unser Bild von der Gesundheitsfürsorge verzerrt?

Alice Casagrande

Der Zorn des Achilles. Warum das Sprechen vom Krieg gegen das Corona-Virus deren Fürsorge erschwert? Was bedeutet der Rückgriff auf die Redewendung des Krieges, die sicher aus politischen Gründen gewählt wurde? Ihre Popularität verweise ohne Zweifel auf tiefere Dimensionen unserer kollektiven Vorstellungen. Sie zeigt unsere Schwierigkeit, die wir mit der Vorstellung haben, dass Menschen auch durch altruistische und mutige Motive überzeugt werden können. Diese individuelle und gemeinschaftliche Mobilisierung geschieht aber dann, wenn Völker in schwierigen Zeiten gegenseitig spontan Zeichen der Solidarität zeigen.

„Der Zorn des Achilles“. Antwort an Alice Casagrande

Oliver Schlaudt

Mit dieser Unsichtbarkeit der Fürsorge, die Alice Casagrande untersucht hat, sprechen wir fast von einer allgemeinen Eigenschaft der Fürsorge, die sich nicht nur auf unsere gegenwärtige Gesellschaft, sondern auf viele geschichtliche Perioden und vielleicht auf viele Gesellschaften anwenden lässt. Dasselbe gilt für den Kontrast zwischen „Fürsorge“ und „Krieg“, den

Alice Casagrande richtigerweise aufzeigt, der aber nicht nur für unsere Epoche charakteristisch ist. Deshalb scheint es mir wichtig, an den genauen politischen Kontext der Corona-Krise zu erinnern. Und hier verbinden sich unsere beiden Analysen. Der Neoliberalismus ist eine soziale Doktrin, die die elementaren Grundlagen der Gesellschaft verneint. In der Corona-Krise und im unangemessenen Diskurs über den Krieg wird genau dieser Widerspruch offenbar.

BIOGRAFIEN

Alice Casagrande

Alice Casagrande hat am Institut für politische Studien in Paris und an der Universität Cambridge einen Master und ein DEA in ethischer Philosophie abgeschlossen und sich auf Fragen der Ethik und den Kampf gegen die Misshandlung schutzbedürftiger Personen spezialisiert. Sie ist Präsidentin der Nationalen Kommission zur Prävention von Misshandlungen und zur Förderung einer guten Behandlung älterer und behinderter Menschen. Seit Oktober 2014 ist sie Direktorin für Ausbildung, Innovation und assoziatives Leben bei Fehap, dem Verband der Krankenhäuser und gemeinnützigen Einrichtungen für persönliche Betreuung. Sie nahm an zwei öffentlichen Missionen zum Thema Alter teil: der Konsultation zu Alter und Autonomie; der Myriam El-Khomri Mission über die Berufe. Sie unterrichtet Ethik und Management an der Pariser Dauphine-Universität und im Ethikbereich der Ile-de-France und unterrichtet Missbrauchsprävention an der *Ecole des Hautes Etudes* im Bereich der öffentlichen Gesundheit. Schließlich ist sie Vorsitzende der Ethikkommission der Kreml-Bicêtre-Krankenhausgruppe (AP-HP) und seit Februar 2019 Mitglied der unabhängigen Untersuchungskommission für Kirchenmissbrauch (CIASE). Autorin mehrerer Bücher und Artikel: *Questions d'éthique autour du donneur vivant* (2007), *Vieillir en institution* (2008), *Ce que la maltraitance nous enseigne* (2012), *Ethique et Management du soin et de l'accompagnement* (dir., 2016).

Oliver Schlaudt

Oliver Schlaudt, Privatdozent am Philosophischen Seminar der Universität Heidelberg. Studium der Physik, Promotion und Habilitation in

Philosophie. Lehrt Philosophie an der Universität Heidelberg, dem UCF Freiburg und SciencesPo Paris (Campus Nancy). Ein Schwerpunkt seiner Lehre ist die Produktion und Verwendung von Zahlen in der Wissenschaft und im öffentlichen Diskurs. Sein letztes Buch, *Die politischen Zahlen. Über Quantifizierung im Neoliberalismus* (Frankfurt a.M.: Klostermann, 2018) beschreibt, wie mit Zahlen die Illusion von Objektivität erzeugt wird, während sie in Wirklichkeit eine versteckte politische Botschaft transportieren. Zu seinen Publikationen gehören *Wirtschaft im Kontext. Eine Einführung in die Philosophie der Wirtschaftswissenschaften in Zeiten des Umbruchs* (Rote Reihe 85. Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M. 2016); *Was ist empirische Wahrheit? Pragmatische Wahrheitstheorien zwischen Kritizismus und Naturalismus* (Philosophische Abhandlungen Bd 107. Vittorio Klostermann, Frankfurt a.M. 2014); *Messung als konkrete Handlung. Eine kritische Untersuchung über die Grundlagen der Bildung quantitativer Begriffe in den Naturwissenschaften* (Königshausen und Neumann, Würzburg 2009); *Afred Sohn-Rethel (1899-1990). Controverses autour d'un philosophe matérialiste / Kontroversen um einen materialistischen Philosophen* coordonné par / herausgegeben von Oliver Schlaudt & Françoise Willmann (Recherches germaniques, hors-série no. 15 / 2020, Presses Universitaires de Strasbourg).

DIALOG 8

*ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO &
CRISTINA VIANO*

Pandemie und Apokalypse

António de Castro Caeiro

Was die Pandemie bringt, ist nicht allein die Krankheit, verbreitet durch das Gift des Virus. Die Pandemie gibt zu denken. Sie zeigt, wie es um uns steht, wie wir sind und wie wir waren. Sie streut den Zweifel darüber, wie unsere Zukunft aussehen wird. Was auch immer dem Menschen geschieht, es ist nie auf eine plausible wissenschaftliche Antwort reduzierbar. Die gegenwärtige Situation eröffnet uns eine Dimension, in der die gefühlte Dringlichkeit einen großen Druck ausübt. Der Anstieg der Gewalt in der Pandemie ist beispiellos. Was die Pandemie erwirkt, ist die Enthüllung der völligen Preisgabe der Menschheit gegenüber Krankheit und Tod. Die Diagnose der konkreten Situation, in der sich jede und jeder von uns befindet, erschöpft sich nie in der gegenwärtigen Überprüfung der Symptome. Die Diagnose erfolgt in allen menschlichen Aktivitäten immer im Hinblick auf eine Prognose. Die Pandemie gibt nicht auf abstrakte, sondern auch auf konkrete Weise zu denken, nicht allein in der Gegenwart, sondern ebenso in Bezug auf die Vergangenheit, wie wir leben und wie wir das Leben gelebt haben. Sie gibt uns die Möglichkeit, die Art und Weise wie wir sind, zu überdenken, das Leben in seiner Gesamtheit zu leben, die Zukunft vorherzusehen, versuchen zu wissen, wie es sein wird. Durch eine umfassende Bewertung, zu der wir gezwungen werden, aus dem Innern unseres Selbst und in der Wirklichkeit, die sich als so problematisch erweist, kann sich eine Prognose eröffnen. Eine Prognose, die nicht einfach eine Krankheit mit pandemischem Ausmaß heilt, sondern die auch die Chance für eine grundlegend neue Lebensweise birgt.

„Pandemie und Apokalypse“. Antwort an António de Castro Caeiro

Cristina Viano

*«No man is an island entire of itself; every man
is a piece of the continent, a part of the main»*

John Donne, *MEDITATION XVII Devotions
upon Emergent Occasions*

In seinem schönen Text assoziiert António de Castro Caeiro die Pandemie mit der Apokalypse nicht nur im direkten biblischen Sinn als „Ende der Welt“, als planetarische Katastrophe, sondern auch, und vor allem, im eigentlichen Sinn des griechischen Begriffs als „Offenbarung“, die das Individuum in seiner vorübergehenden und temporalen Dimension mit ganzer Kraft trifft. Caeiro zeigt deutlich, wie die gegenwärtige Situation, gefährlich und ohnegleichen, eine historische Verankerung im Lebensfluss darstellt, der das Individuum dazu bringt über seine Vergangenheit nachzudenken und sich in die Zukunft zu projizieren, Mittel und Wege verbindend, um sich an ein neues (Über-)Leben anzupassen. Ein grundlegender Aspekt der Pandemie ist seine gemeinschaftliche und beziehungsübergreifende Dimension: In der Tat bedeutet der griechische Begriff „eine menschliche Gemeinschaft als ein Ganzes“. Um die berühmten und erhellenden Seiten von Thukydides über die Attische Seuche im V. Jahrhundert v. Chr. wieder aufzunehmen, möchte ich mit meinem Gesprächspartner drei Aspekte diskutieren, mit der die neue Menschheit sich auseinandersetzen hat: die menschlichen Beziehungen, die Untersuchung und die Entdeckung der Ursachen und die Fähigkeit der praktischen Intelligenz, die erlernten Grundsätze an die gegenwärtigen Umstände anzupassen.

BIOGRAFIEN

António de Castro Caeiro

António de Castro Caeiro ist Professor für Philosophie an der Fakultät für Sozial- und Geisteswissenschaften der Neuen Universität von Lissabon (FCSH/UNL), Mitglied des Philosophischen Instituts (IFILNOVA) und Essayist und Übersetzer. Er promovierte 1998 in Antiker Philosophie an der FCSH/UNL mit der Dissertation *Areté als extreme Möglichkeit des Menschen. Phänomenologie der Praxis in Platon und Aristoteles*. Seit 1990 unterrichtet er am FCSH und widmet sich der Antiken Philosophie und der Philosophie der Gegenwart. Er war Gastwissenschaftler an der Fakultät für Rechtswissenschaft in Ribeirão Preto (USP), Universität von Süd Florida (USF) und am Oriel College (Oxford) Er schreibt wöchentlich für *Today Macau*. Er präsentierte das TV-Programm zur Philosophie „É Um Clássico“ auf RTP. Er veröffentlichte in Cambridge *Reflections on Everyday Life* (2019) und übersetzte verschiedene klassische Werke aus dem Griechischen in Portugiesische: as *Odes Para os Vencedores* (Quetzal, 2010) und die *Odes Olímpicas* (Abysmo, 2017), von Pindaro. Von Aristóteles *Os Fragmentos dos Diálogos* und *Obras Exortativas* (INCM, 2014), *As Constituições Perdidas de Aristóteles* (Abysmo, 2019) und *Ética à Nicómaco* (Atlas 2009). Zudem veröffentlichte er die Essays *São Paulo: apocalipse e conversão* (Aletheia, 2014) und *Um Dia Não São Dias* (Abysmo, 2017), *Por si próprio, com base em Max Scheler* (2010) und *Um dia não são dias* (Lisboa, Abismo, 2015).

Cristina Viano

Cristina Viano ist Forschungsdirektorin am CNRS, Centre Léon Robin (UMR 8061), Universität Sorbonne. Als Spezialistin für antike Philosophie interessiert sie sich hauptsächlich für die aristotelische Philosophie,

die Theorie der Emotionen in menschlichen und politischen Beziehungen, dem Begriff der Kausalität, den antiken Theorien der Materie und für die griechisch-alexandrinische Alchemie. Sie unternahm mehrere Studienreisen ins Ausland, insbesondere nach Cambridge, Edinburgh und Oxford, lehrte als Gastprofessorin an den Universitäten von Venedig, São Paulo, Santiago (Chile), Mexiko und Jinan (Shandong, China) und leitete ein internationales Forschungsprojekt mit dem Titel: *AITIA / AITIAI. Der Kausalzusammenhang in der Antike: Ursprünge, Formen und Transformationen* (2014-2017) Sie leitet derzeit ein französisch-brasilianisches Kooperationsprojekt mit der Universität von São Paulo (USP) mit dem Titel *Der Einzelne und die Stadt: menschliche und politische Beziehungen bei Aristoteles und zu seiner Zeit* (2020-2021). Zu ihren Veröffentlichungen zählen: *La matière des choses. le livre IV des Météorologiques d'Aristote et son interprétation par Olym-piodore* (Paris, Vrin, 2006); hrsg. mit C. Natali und M. Zingano, *AITIA I. Les quatre causes d'Aristote : origines et interprétations* (Louvain, Peeters, 2013); hrsg. mit F. Masi und S. Maso, *ÉTHIKÉ THEÔRIA. Studi sull'Etica Nicomachea in onore di Carlo Natali* (Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2019); Aristotele, *Retorica* (Übersetzung. Bari, Laterza, im Druck).

ÜBERSETZER

Dirk Michael Hennrich

Dirk Michael Hennrich ist promovierter Forschungsmitarbeiter im Bereich der Philosophie der Natur und der Umwelt an der Humanistischen Fakultät der Universität von Lissabon. Er ist Mitglied des Zentrums für Philosophie der Universität von Lissabon (CFUL) mit Hauptinteresse in den folgenden Forschungsfeldern: Philosophie der Landschaft (<https://philosophyoflandscape.com/>), Medienphilosophie, Deutscher Idealismus, Deutsche Frühromantik, Philosophie in Portugal und Brasilien. Er war Postdoc-Stipendiat der Stiftung für Wissenschaft und für Technik (FCT) von 2015-2019 und 2014/15 Forschungsstipendiat für Portugiesische Kultur der Calouste Gulbenkian Stiftung (FCG). 2014 erlangte er seinen Dokortitel mit einer Arbeit über die Frage nach der europäischen Identität im Bereich zwischen Philosophie und Dichtung am Department für Philosophie der Universität von Lissabon, finanziert durch ein Doktoranden-Stipendium der Stiftung für Wissenschaft und für Technik (FCT) zwischen 2009-2013. Er erhielt seinen Master in Philosophie, Deutsche Literatur und Geschichte 2003 an der Universität von Basel/Schweiz mit einer Arbeit über Vilém Flusser und Jacques Derrida und die Frage nach der Schrift im Zeitalter der Technischen Bilder. 1997/98 war er Erasmus-Stipendiat an der Universität von Lissabon. Seine Veröffentlichungen beinhalten Zeitungsartikel, akademische Aufsätze, Erzählungen und Gedichte, verfasst auf Deutsch, Portugiesisch und Englisch.

Fernando Manuel Ferreira da Silva

Postdoktorand und Mitglied des Zentrums für Philosophie von der Universität Lissabon (CFUL), Doktorarbeit 2016 über die Kritik der Identität bei Novalis. Co-Koordinator der Studie Nucleus Kant und Deutscher Ideal-

ismus, CFUL. Hauptinteresse: Kants Ästhetik und Anthropologie, Deutscher Idealismus und Deutsche Romantik, sowie Autoren wie Baumgarten, Fichte, Novalis, Fr. Schlegel und Hölderlin. Hauptveröffentlichungen: ‚*The poem of the understanding is philosophy*‘. *Novalis and the art of self-critique*, in Mimesis Verlag, Deutschland (im Druck); ‚*Ein Spiel der Sinnlichkeit, durch den Verstand geordnet*‘: *Kant’s Concept of Poetry and the Anthropological Revolution of Human Imagination*‘, in: Lorini, G., Loudon, R. (eds) *Knowledge, Morals and Practice in Kant’s Anthropology*. Palgrave Macmillan, UK, pp. 117-132; ‚*Dementia is a fiction*‘. *Kant on the mental disturbances of the human soul*, in *Tijdschrift voor Filosofie*, KU Leuven, Belgium, Vol. 81, Issue 4, 2020, pp. 657-680; *Baumgarten and the problem of obscure representations*, in *Daimon – Revista Internacional de Filosofia*, Murcia, Spanien, Nr. 79, 2020, S. 101-116; *Um ‚secreto procedimento da alma dos homens‘: Kant sobre o problema das representações obscuras*, in *Con-textos Kantianos*, Universidad Complutense de Madrid, Spanien, Nr. 5, Juni 2017, S. 190-215.

Luis Felício

Dichter, in Tavira geboren, lebt in Paris. Studium der Kunstgeschichte und der Philosophie an der Philosophischen Fakultät der Universität Lissabon und an der Université Paris VIII. Er war Mitherausgeber und Co-Direktor der Literaturzeitschrift *Cràse*. Veröffentlichungen unter dem Pseudonym Ruy Narval in der Zeitschrift *Sin_ismo: projecto imaginário e heteroutópico* (*Sin_ismo: imaginäres und heteroutopisches Projekt*) der Fakultät für Literatur der Universität Porto, und in *DN Jovem* (seit 2002). Mehrere literarische Auszeichnungen: er gewann 2007 und 2008 den von C. M. de Aveiro organisierten Wettbewerb Junge Schöpfer mit dem Werk *O verbo, o branco, o espaço e a escada das imagens* (*Das Verb, das Weiß, der Raum und die Treppe der Bilder*), den Nationalen Preis der Stadt Almada mit dem Buch *A sombra dos lugares* (*Der Schatten der Orte*), den Preis der Stadt Funchal 2011 mit dem Buch *O cânone contínuo* (*Der ununterbrochene Kanon*) und

den Literaturwettbewerb Artefacto 2010 mit dem Werk *O som e a casa* (*Der Klang und das Haus*). 2008, 2009 und 2010 wurde er für die *Coletânea Jovens Escritores* ausgewählt. 2020 nahm er an der *Anthologie junger Portugiesischer Dichter* beim griechischen Verlag εκδόσεις teil. Dafür wurde er ins Griechische übersetzt. Er nahm auch an der Anthologie zu Ehren des hundertsten Geburtstages des Dichters Paul Celan *A Norte do Futuro* (*Norden der Zukunft*) und an der *Antologia Refracções camonianas em poetas do século XXI* (*Anthologie camonianische Refraktionen in Dichtern des XXI Jahrhunderts*) des Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra teil. Bücher: *O cânone contínuo* (*Der kontinuierliche Kanon*, 2013); *A sombra dos lugares* (*Der Schatten der Orte*, 2012); *O som e a casa* (*Der Klang und das Haus*, 2010); *Assim também um corpo* (*So auch ein Körper*, 2009); Website: <http://poems.bitcliq.com/category/luis-felicio/> . Im Juni 2021 erscheint sein fünfter Gedichtband: *A noite a porta o sul* (*die Nacht die Tür der Süden*), bei Verlag Exclamação.

Maria Helena Jesus

Maria Helena Jesus ist Forscherin auf dem Gebiet der Theorie der Literatur und Poesie des zwanzigsten Jahrhunderts. Mitglied von CLEPUL (Lissabon) und CREPAL (Paris). Studienabschluss in Modernen Sprachen und Literatur (portugiesisch/französische Variante) an der Universität von Coimbra, Master und Doktorat an der Universität Sorbonne-Nouvelle, Paris. Parallel dazu widmet sie sich der Übersetzung in verschiedenen Bereichen. Aktive Teilnahme am Übersetzungsprojekt des Briefwechsels zwischen Leibniz und Lady Masham (2010); Übersetzung einer Arbeit von Rolf Kühn über Michel Henry, die in ein französisches Phänomenologie-Projekt integriert ist (2010); Mitglied des Fachübersetzungsteams (Philosophie und Sozialwissenschaften), IECCPMA (Institut für Kulturwissenschaften Padre Manuel Antunes) (2019, 2020). Zu ihren Publikationen gehören die Aufsätze „Ficção poética e cosmogénese: sobre o conhecimento, o desejo e a

invenção de mundos possíveis“ (2020), „Ética e Estética sobre a poesia após Auschwitz“ (2018), „Sophia de Mello Breyner Andresen: Poética da Epifania e gnose do Absoluto“ (2017), „De dieu qui vient au poème: António Ramos Rosa et l'épiphanie nu(1)e“ (2015), und das Buch *Regard sur la poésie portugaise contemporaine - Gnose et poétique de la nudité* (L'Harmattan editions, 2014).

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA



Embaixada
da República Federal da Alemanha
Lisboa



AMBASSADE
DE FRANCE
AU PORTUGAL



EGEAC



Photo: João Motta Guedes (Invisible)

